

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3

Março de 1920

Ano LXXII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 78 Lisboa

LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

III

(Continuação)

Os TANKS, ou modernos carros de assalto

Na ordem cronologica das applicações de inventos belicos, do emprego de instrumentos de combate proprios a vencerem a resistencia inimiga, escudada em fortes intrincheira-mentôs, o celebrado Tank, ou carro de assalto, poderá, talvez, considerar-se o succedaneo do antigo carro de guerra donde se arremessavam liquidos ferventes e composições incendiarias sobre os grupos inimigos, como fizeram os bizantinos e mais tarde os arabes até ao seculo XV.

Este carro de guerra havia sucedido aos anteriores carros de guerra empregados pelos barbaros, os quais eram guarnecidos por todos os lados e em todas as direcções de lanças afiadas e de outras laminas cortantes, que, por seu turno, representavam um aperfeiçoamento importante das *quadrigas* armadas de foices empregadas pelos gauleses contra as legiões de Cesar.

Se remontarmos á mais distanciada antiguidade encontra-se o uso dos carros de guerra entre os gregos, os egipcios e os assirios.

O aparecimento das armas de fogo na idade média vibrou-lhes o golpe mortal, fazendo cessar o seu emprego.

Segundo todas as probabilidades, o moderno e couraçado *tank*, ou carro de assalto, será tambem batido pelo canhão, cujo projectil seja animado da força de penetração sufficiente para romper a couraça de que o *tank* é revestido.

A génese do TANK

A feição assumida pela guerra na frente ocidental, desde o outono de 1914, é que determinou o aparecimento, a eclosão natural do *tank*, destinado a abrir caminho ás colunas de assalto lançadas sobre as poderosas organizações defensivas dos alemães.

Como vimos, após a sanguinolenta jornada do Marne, o exercito germanico ocupou solidas posições apoiadas nos rios Aisne, Ambre e Oise.

A *corrida* para o mar fez estender a linha alemã na direcção de Peronne-Bapaume-Lille-Ostende.

As suas organizações defensivas, primeiramente estabelecidas na Argonne e na Champagne, estenderam-se depois ao Somme, ao Artois e á Flandres.

Seguiram-se as persistentes tentativas dos aliados para romper a formidavel linha alemã, que consistia num complicado sistema de trincheiras, fortalecido com redutos de beton, fortins, ninhos de metralhadoras e inextricaveis rêdes de fio de ferro farpado, dando origem a renhidos combates, que resultavam ineficazes para o efeito da ruptura da frente germanica.

A guerra adquiriu então o character duma pertinaz e encarniçada luta de trincheiras, em que nenhum exito definitivo se obtinha de parte a parte.

No decurso do ano de 1915, os alemães adoptaram sistematicamente a forma defensiva na frente ocidental, enquanto Hindemburgo e Mackansen vibravam golpes decisivos no teatro de guerra oriental.

Tornava-se, pois, indispensavel descobrir um novo instrumento de combate que permitisse triunfar da tenaz resistencia da linha alemã, tão habilmente organizada e tão pertinazmente defendida.

Era mister fazer a ruptura desta linha, que não podia ser envolvida, visto que apoiava o seu flanco direito no mar e o esquerdo na fronteira montanhosa da Suissa, cuja neutralidade não podia ser violada pelos aliados.

Ocorreu então aos ingleses a idea de construir um veículo automovel couraçado, com grande mobilidade em to-

dos os terrenos e com a capacidade ou potencia de reduzir os ninhos de metralhadoras, de derrubar muros de pequena altura e de destruir as rêdes de arame do inimigo, transportando canhões para anular a resistencia que o adversario pudesse oferecer.

Os trabalhos neste sentido empregados pelos ingleses deram origem a dois modelos de *tanks*.

Um deles, o mais potente, dispondo de dois canhões Hotchkiss, de tiro rapido, com algumas metralhadoras, era especialmente destinado a destruir as obras de cimento armado com que os alemães resguardavam as suas metralhadoras.

O segundo modelo dispunha sómente de metralhadoras e era habitualmente empregado para combater os grupos de atiradores e as guarnições das metralhadoras adversas.

Os carros de assalto ingleses foram empregados pela primeira vez em 15 de setembro de 1916, na batalha do Somme, onde o seu aparecimento abalou fortemente o inimigo, causando uma acentuada depressão moral nas suas fileiras.

Estes maquinismos, invulneraveis ao tiro de espingarda, abriam o caminho para o avanço da infantaria, destruindo ou arrasando os obstaculos que se opunham á sua locomoção, nivelando os parapeitos das obras mais solidas e arruinando os abrigos de *beton* do adversario.

A resultante immediata da intervenção dos *tanks* ingleses no combate traduziu-se para os alemães pela perda de Ginchy com 4:000 prisioneiros, sendo em seguida repelidos em toda a linha entre Bouchavenes e Thiepval, onde, alem doutras perdas, deixaram mais 15:000 prisioneiros em poder dos ingleses.

Havendo provado a sua eficiencia e capacidade combativa na guerra, os ingleses enviaram alguns *tanks* para o Egipto, onde tomaram parte no ataque a Gaza.

O emprego desta nova maquina de guerra continuou a fazer-se com exito em França em novembro de 1916 e, em mais larga escala, em Arras em abril de 1917, em Messines em junho e na terceira batalha do Ypres em agosto do mesmo ano.

A velocidade do pesado *tank* inglês regulava apenas por 5 quilometros á hora, devido a ser produzido o seu movimento de locomoção por um sistema da engrenagem especial com o emprego de cadeias sem fim.

Seguindo o exemplo dos ingleses, apareceu tambem na

França a denominada *artelharia de assalto*, constituída por peças de 75 milímetros, colocadas em automoveis couraçados que, dispondo de maior velocidade que os *tanks* ingleses, acompanhavam a infantaria ao assalto das posições inimigas.

As oficinas de Saint-Chamond, onde havia maquinismos aperfeiçoados indispensaveis ao fabrico das chapas de blindagem para cruzadores e couraçados e chapas de aço para torpedeiros e submarinos, fabricaram poderosos carros de assalto, denominados geralmente os *tanks* de *Saint-Chamond*, armados com um canhão de 75 milímetros e com três metralhadoras.

Estes carros de assalto foram empregados em larga escala nas batalhas de 1917 e 1918.

Por seu turno, a Alemanha viu-se forçada a fazer construir carros de assalto, não só para contrabalançar o efeito moral dos tanks inimigos, mas ainda como poderoso factor de acção tactica no ataque ás posições adversas.

Na sua violenta ofensiva de 21 de março de 1918, tendo por objectivo Amiens, os alemães empregaram um tipo de carro com o peso de 45 toneladas, movido por dois motores Aimler de 100 cavalos cada um, podendo funcionar com a velocidade de 8, 10 ou 16 quilometros á hora.

O comprimento deste carro regulava por oito metros.

A sua blindagem era realizada com chapas de aço de 3 centímetros de espessura as da frente, de 2 centímetros as posteriores e de 16 milímetros as laterais.

O armamento de cada *tank* alemão era constituído por uma peça de 47 milímetros, colocada na frente, duas metralhadoras de cada lado e outras duas na retaguarda.

A guarnição de cada carro era composta de 18 homens, sendo 3 artelheiros, 10 metralhadores, 2 mecanicos e 1 sinaleiro.

O comando era geralmente confiado a um capitão, tendo um subalterno como 2.º comandante.

O emprego dos carros de assalto facilitou sobre maneira a execução da grande contra-ofensiva decisiva, lançada na madrugada de 18 de julho de 1918 da floresta de Villers-Cotterets para N. de Soissons pela concepção genial de Foch, que prosseguiu nos dias imediatos metódica e triunfantemente o desenvolvimento do seu magistral plano, o qual, na sua plena execução, assegurou aos aliados a mais completa e brilhante vitória de toda a campanha.

IV

Idea geral sobre a artilharia dos principais exercitos beligerantes

A artilharia adquiriu grande desenvolvimento e uma extraordinária importância na grande guerra de 1914-18.

Mercê dos notáveis aperfeiçoamentos introduzidos no material de guerra e da descoberta de novas polvoras de considerável força expansiva, a acção da artilharia facilitada pela tracção mecânica, que resolvera o problema da *mobilidade* pelo emprego de apropriadas viaturas automóveis, — assinalou-se por uma forma brilhante, por vezes decisiva, nas operações militares a que deu lugar a recente e temerosa conflagração.

E' incontestável que, em resultado dos ensinamentos da guerra, se manifestam tendências para uma maior proporção de elementos orgânicos da artilharia na constituição dos exercitos.

Já Napoleão I dizia:

«E' indispensável possuir tanta artilharia como tem o inimigo, calcular 4 peças por cada mil homens. E' com a artilharia que se faz a guerra.»

Não obstante os efectivos colossais que o serviço obrigatório chamou ás fileiras dos exercitos beligerantes, a proporção preconizada pelo maior capitão dos tempos modernos foi excedida desde o princípio da guerra pela Alemanha, que atingiu 6,1 peças por cada milhar de infantes.

No decurso das operações os ingle-es chegaram a elevar a sua percentagem de 4,2 a 6 por 1000 e os franceses atingiram 4,66.

A Italia manteve-se nas 4 peças por milhar, a Russia só atingiu 3,3 e a Austria não passou de 3 por 1000.

Hoje preconiza-se o aumento progressivo da artilharia de campanha, de maneira a serem guarnecidas as frentes de batalha na proporção de uma peça por cada 18 metros de frente.

Só um estudo mais demorado e consciencioso, atinente a constatar o regular funcionamento e ligação das diversas armas no combate, só uma apreciação serena e documentada de factos de guerra bem caracterizados, que constituam en-

sinamentos concludentes, incontroversos, é que poderão levar as altas capacidades técnicas a pronunciar-se em definitivo sobre esta momentosa questão.

A artilharia no exército francês

A artilharia francesa entrou na ultima guerra em condições de manifesta inferioridade, relativamente à sua rival.

A dotação de artilharia das grandes unidades francesas era numericamente inferior à das unidades similares na Alemanha.

O corpo do exército francês contava na totalidade 120 canhões de 7,5 cm. T. R., inicialmente destinados, pelas suas características, à execução do tiro *tenso*, ou *raso*.

De seu lado, o corpo de exercito alemão dispunha de 170 peças, sendo 108 canhões de 7,7 cm., para o tiro *raso*, e 52 obuses (dos quais 16 pesados) para o tiro *curvo*, ou indirecto.

A superioridade da artilharia alemã sôbre a francesa era manifesta, evidente. E no entanto, a artilharia de tiro rápido de 75^{mm} dos franceses, pelas suas propriedades balísticas e rapidez de manejo, era indiscutivelmente superior à artilharia ligeira alemã de 77.^{mm}

Não podia, porém, bater-se com vantagem contra os obuses ligeiros de 10,^{cm}5 e 13^{cm} e muito menos contra os obuses de 15,^{cm}, morteiros de 21^{cm}, m. 1910, e 28^{cm}, de que o exercito alemão se achava suficientemente provido.

Seguindo a erronea noção de que era mister renunciar ao tiro ás grandes distâncias, cuja observação era sobremaneira difficil, não podendo, portanto, obter uma conveniente regulação nessa espécie de tiro, a parte dominante da *élite* da artilharia francesa preconizava, em consequência, a execução do tiro de artilharia ás pequenas distâncias para aumentar a sua precisão e rapidez e, consequentemente, o rendimento de que a peça de 75^{cm} era susceptível.

A despeito dos concludentes ensinamentos derivados da guerra russo-japonesa e da campanha dos Balkans, sem curar mesmo do exemplo que lhes dava a Alemanha em fazer reforçar a artilharia ligeira do seu exercito com canhões de médios e grandes calibres,—os franceses mostraram-se renitentes em seguir nesta via, não adoptando a orientação da sua rival,

convencidos de que o canhão de tiro rapido de 75^{mm} satisfazia a todas as exigencias duma demorada e rude campanha.

Não obstante os esforços envidados por artilheiros de espirito clarividente que, como o capitão Gluck, procuravam por todos os meios convencer os seus concidadãos da necessidade imprescindivel de se dotar o exercito francês com artilharia pesada de campanha, que abrisse à infantaria o caminho da vitoria, subtraindo-a pelo maior espaço de tempo aos efeitos mortiferos dos grandes projecteis do adversario, o que constituiria um auxilio material extremamente eficaz e um poderoso apoio moral para o progressivo avanço da *rainha das batalhas*,—o alto comando francês influenciado, talvez, pelas publicações tecnicas de oficiais justamente considerados, como os generaes Langlois, Percin, Dumezil e Buat, não chegou a tomar nenhuma resolução definitiva, não conseguiu adoptar nenhuma providencia de valôr, atinente a dotar as suas grandes unidades com o suficiente material de artilharia pesada de campanha.

Limitou-se apenas a aproveitar uma centena de canhões de 15^{cm},5 T. R., modelo Rimailho 1904, para opôr ás 700 peças de médios e grandes calibres com que os alemães invadiram a França.

A grande esperança dos franceses estava nos 4:022 canhões de 75^{mm}, T. R., que os seus apologistas julgavam possuir todas as condições para satisfazer às complexas necessidades da arma; mas, na realidade, ao canhão deste modelo, inquestionavelmente superior ao alemão de 77^{mm}, apontavam-se tres defeitos sensiveis: campo de tiro horizontal muito limitado, grande peso e campo de tiro vertical ainda mais limitado que o seu campo de tiro horizontal, o que lhe impedia toda a acção contra os dirigiveis e aeroplanos.

Este ultimo defeito foi, em parte, corrigido pelo emprego do aparelho inventado pelo capitão Malandrin, o qual permitia, segundo as necessidades da luta, transformar em tiro curvo o tiro *tenso* dos canhões de 75^{mm}.

Os dirigentes exultaram com a pretensa ou aparente solução do litigio tecnico, que dividia os officiais mais abalisados da artilharia francesa.

Economizavam-se os 80 milhões de francos em que estava orçada a despesa com a aquisição da grossa artilharia, bastando apenas o dispendio de 500:000 francos para dotar todas as baterias com o aparelho Malandrin.

Esta solução agradou tanto mais aos políticos quanto mais eles se mostravam refractarios a admitir como verosimil a eventualidade duma guerra proxima. A desilusão foi cruel ao desencadear-se o furacão da grande guerra.

Primeiro em Namur, Charleroi e Mons, e seguidamente em Cambrai, Bapaume, Guise e Saint-Quentin, os franceses, não obstante o valor das características do seu canhão 75^{mm}, T. R., manejado por mãos experimentadas, tiveram de ceder perante a densa chuva de projecteis dos canhões alemães de 10,5^{cm}; de 13^{cm}, de 15^{cm} e de 21^{cm}, que dispendo dum maior alcance de tiro iam lançar a perturbação nas formações de reserva e nas proprias colunas em marcha para o campo de batalha, batendo impunemente a artilharia francesa, que pelo seu menor alcance não podia atingir a contraria.

No auge do desespero por não poderem estabelecer as suas baterias em locais que lhes permitissem responder ao fogo da artilharia alemã, os officiais franceses viam-se constrangidos a ordenar a retirada das suas peças para as salvar duma inutilização inevitavel, se continuassem expostas ao tiro da grossa artilharia inimiga.

A lição foi cruel, mas proveitosa, por que após a gloriosa batalha do Marne se imprimiu uma extraordinaria actividade ao fabrico intenso de canhões de diversos calibres, dotados de propriedades e características novas, atinentes a poderem contrabater eficazmente a artilharia adversa.

De momento recorreu-se ao emprego de bastantes peças de marinha de 14^{cm}, montadas sobre reparos de rodas, e de avultado material, já antiquado, de tiro lento, como os canhões Bange de 8^{cm} e 9^{cm} e variadas peças de calibres 9^{cm},5, de 12^{cm}, de 15^{cm},5, de 22^{cm} e de 27^{cm}.

E tão prodigiosa foi a actividade desenvolvida neste ramo de fabrico depois da mobilização das industrias particulares, tão gigantesco foi o esforço feito pelo Estado e pelos industriais franceses que, no momento do armistício de 11 de novembro de 1918, o grande exercito da defesa nacional possuía em actividade 12:000 canhões, aproximadamente, repre-

sentados pelos seguintes modelos, entre os quais se encontram bastantes peças de fortaleza e de costa:

7980	canhões	de	75 ^{mm}
300	"	"	65 ^{mm}
800	"	"	10 ^{cm} ,5
1800	"	"	15 ^{cm} ,5 (Curtos de T. R.)
700	"	"	15 ^{cm} ,5 (Compridos de T. R.)
40	"	"	28 ^{cm} . (Morteiros Schneider, T. R.)

Alguns canhões de 9^{cm},5

" " " costa de 120 milímetros

" " " costa de 155 "

" Morteiros de 220 milímetros

" Morteiros " 270 " (de sitio e costa)

" Obuses Schneider de 293 milímetros

" Morteiros Schneider de 296 milímetros

" " " " 340 "

" " Filoux de 370 milímetros

" " (Saint Chamond) de 400 milímetros

Algumas peças de diversos calibres antiquados.

No terceiro ano da guerra principiou a ser distribuida aos batalhões de infantaria e caçadores a peça de 37^{mm} T. R. ^m/1916, destinada a acompanhar as unidades desta arma seguindo numa pequena viatura com o respectivo armão puxada por um solipede.

É uma peça muito ligeira, sendo posta em bataria muito rapidamente. O alcance é de 2500 metros, pesando o projectil apenas 450 gramas. A sua velocidade inicial é de 400 metros.

É dotada de escudo e de um tapa-chama. Cada peça dispõe de 192 tiros transportados no armão. A cada batalhão de caçadores foram distribuidas duas destas peças; aos batalhões de infantaria só foi distribuida uma peça.

Classificação da artilharia francesa

A artilharia francesa dividia-se em artilharia de campanha e artilharia pesada.

Pertenciam à primeira categoria as peças com calibres inferiores a 95 milímetros, e à segunda as que excediam este calibre.

A artilharia pesada dividia-se em artilharia pesada de campanha, puxada por solipedes e tractores, e artilharia de posição ou de sitio.

A artilharia pesada de sitio era designada sob duas denominações:

Artilharia de fortaleza ou costa;

Artilharia pesada de grande potencia (A. L. G. P.).

Esta ultima subdividia-se, por seu turno, em:

a) Artilharia sobre via ferrea (A. L. V. F.)

Esta artilharia é montada sobre reparos-trucks, donde dispara. Compreendia a antiga artilharia de fortaleza, artilharia de marinha e material de costa dos seguintes calibres: 190, 240, 320, 274, 395, 200, 95, 120 e 155 milímetros.

b) Artilharia de grande potencia, a qual era transportavel por via ferrea, sendo preciso desmonta-la para a colocar sobre uma plataforma, donde fazia fogo.

Pertenciam a esta artilharia as peças dos calibres: 305 e 240 milímetros, tiro rapido; 340 e 293 milímetros Schneider, obuses e canhões de costa de 400 milímetros e material modelo Filoux de 270 e 370 milímetros.

Com algum do material designado na alinea a) foi armado o Corpo de artilharia pesada portuguesa (C. A. L. P.) em França, organizado no campo de Bailleuil desde novembro de 1917, em que principiou a receber peças de calibre 190 e 320 milímetros, devendo posteriormente ter recebido o restante material, entre o qual peças de calibre 240 milímetros, até prefazer a dotação respeitante aos tres grupos a 12 peças, com que foi constituido aquele Corpo.

As unidades armadas com peças dos calibres 190 e 240 milímetros eram consideradas como unidades de potencia média; as baterias armadas com peças de 320 milímetros classificavam-se como unidades de grande calibre e de grande potencia.

O alcance destas bocas de fogo era respectivamente de 12, 18 e 20 quilometros.

Podiam estabelecer-se em bateria em qualquer ponto da via ferrea, montadas sobre *reparos-trucks*.

ADRIANO BEÇA

General

nos sectores de Douaumont e de Flirey, e em 12 em Les Chambrettes, no sector do bosque de Caurières.

Em 14 acções de patrulhas francesas a O. do Mosa, fazendo alguns prisioneiros, acções que no dia 23 tomaram mais desenvolvimento no bosque de Avocourt, em que os franceses fizeram prisioneiros e se apoderaram de algum material de guerra.

Em 21 a acção das patrulhas efectuou-se na margem direita do rio.

Em 27 recrudesceu a actividade da artilharia em ambas as margens e na região de Saint-Mihiel, a S. e S.E. de Verdun. No dia seguinte tentaram os alemães um golpe de mão sobre as posições francesas do sector de Chambrettes, mas o ataque foi repellido pelo fogo dos defensores. A luta de artilharia prosseguiu vivamente na margem direita, e manteve-se em 29, estendendo-se neste dia de novo à margem esquerda.

A primeira quinzena de Junho constitue todo um novo período de quasi absoluta paralisia de luta.

Em 17 dêste mês tentam os alemães alguns ataques com pequenos efectivos no bosque de Caurières, ataques repellidos pelos franceses.

Novo ataque no dia seguinte, agora porém na região de Avocourt; os alemães são repellidos, deixando alguns cadáveres no terreno e um pequeno número de prisioneiros nas mãos dos franceses.

Em 3 de Julho é registada grande actividade de artilharia na margem direita do Mosa. Os franceses executam vários golpes de mão nesse dia e no imediato, conseguindo capturar alguns prisioneiros.

Em 11 é a artilharia alemã que trôa mais violentamente na margem esquerda, mas não há menção de combates da infantaria.

No dia 15 dêste mês iniciam os alemães a sua grande ofensiva a E. e O. de Reims, no Marne e na Champagne, numa frente de 90 quilómetros. Afirmou-se que um dos objectivos estrategicos desta ofensiva era atingir Châlons e Revigny e, avançando em direcção a Saint-Mihiel, estender o cêrco a Verdun por O. e S. O.

A contra-ofensiva franco-americana, que irrompeu no dia 18 entre o Aisne e o Marne, dirigida pelos generais Gouraud,

prática quanto ao contrabando pelo grupo das potências, que não tendo recorrido normalmente à guerra submarina, adoptou os processos clássicos da guerra marítima, modificados, contudo, debaixo da influênciã dos acontecimentos provocados pelo desenvolvimento da nova arma.

A Entente, e em especial a Inglaterra, que foi a potencia que teve principalmente a seu cargo a guerra marítima contra a Alemanha, encontrando-se impossibilitada pela acção dos submarinos inimigos, logo a princípio, de exercer o bloqueio comercial nas condições reconhecidas pelo direito e só podendo levar a efeito o militar, mercê das excepcionais vantagens da sua posição geográfica a respeito do litoral inimigo, foi forçada a recorrer a outros meios de coacção para isolar o adversario por via marítima, tentando alcançar praticamente os mesmos resultados que obteria por meio dum bloqueio eficaz de tôda a extensão das costas marítimas do império alemão. Um só meio haveria para conseguir êste objectivo; seria declarar contrabando de guerra tudo quanto pudesse concorrer para sustentar as fôrças militares germânicas e o resto da população que constituia a grande reserva, onde o exército e a armada iam recrutar novas energias e os recursos de que precisavam. Dêste facto resultou a necessidade de tornar ilimitadas as listas de contrabando de guerra e, portanto, de derogar os artigos da Declaração Naval de Londres, que indicam quais os objectos que podem ser incluídos em qualquer das categorias de contrabando, absoluto ou condicional. Querendo acentuar clara e evidentemente qual era a sua intenção, a Inglaterra resolveu declarar nulo o artigo 33 do mesmo documento, declaração esta que representaria uma escusada repetição se não houvesse a intenção formal de considerar contrabando de guerra todos os objectos que se dirigissem para a Alemanha, fôsse qual fosse a via que seguissem. Realmente, estatuindo o artigo 33 que só são sujeitos à captura os objectos de contrabando condicional quando se destinam às fôrças armadas ou às administrações do estado inimigo, claro é que tendo sido niveladas por deliberação dos governos da Entente todas as especies de contrabando, o que era designado por condicional na Declaração de Londres, caia desde logo na categoria de absoluto. Mas como a Entente não se reputava em condições de exercer acção contra a Alemanha

fóra do Mar do Norte, visto que o Báltico se conservou sempre sob o domínio directo dêste país, o isolamento completo e absoluto do império não se poderia obter, visto que além dos países que territorialmente confinam com êle, também os neutros do Báltico o poderiam auxiliar, e então tornava-se indispensável abranger êstes na esfera da influência da politica de contrabando adoptada pelas potencias do Ocidente, o que se conseguiu ampliando o princípio de continuidade da viagem ao contrabando condicional. A anulação da matéria contida no artigo 35 da Declaração Naval de Londres, teve, pois, por fim impedir que o império alemão se reabastecesse por vias indirectas, como seriam os neutros do Norte da Europa.

Estas sucessivas e profundissimas alterações nas normas do direito marítimo preexistentes constituíram os fundamentos do código por que se regularam nos primeiros tempos as grandes potencias navaes do Ocidente; mas o desenvolvimento dado pela Alemanha à guerra submarina, a breve praso mostrou que era insufficiente o que até então se estabelecera. Evidentemente, incluindo na classificação de contrabando de guerra tudo quanto lhe fôsse dirigido e mesmo aquilo que presumivelmente lhe fôsse expedido por intermédio dos neutros, ter-se-ia effectuado o seu isolamento completo se o submarino não tivesse vindo contrariar mais uma vez os desejos dos aliados. O impedimento das comunicações dos beligerantes com o exterior, por via marítima, só se alcança ou com o bloqueio ou com o direito de visita para obstar a que os artigos de contrabando cheguem até lá—no caso sujeito, para que qualquer artigo chegasse até à Alemanha. O bloqueio—forma absoluta de isolamento do inimigo—foi prejudicado logo ao princípio, como já se disse e é de todos sabido, pelo aparecimento dos submarinos; o segundo, a visita, direito incontestável concedido aos beligerantes e que na história marítima tem dado logar a tantas dificuldades e desavenças, produziria iguais resultados adoptando-se a politica da Entente se por ventura o submarino não viesse de novo contestar a efficacia do processo ou, pelo menos, tornar pouco facil a sua realização. De facto a visita effectua-se normalmente intimando ao neutro que se detenha, enviando a seu bordo alguém que examine os papeis e a propria carga em caso de duvida, e só

verificando-se que ele transporta contrabando de guerra e dando-se certas condições é que pode ser capturado, enviado a um porto do captor e ali julgado regularmente. No intuito de não causar transtornos injustificados ao commercio neutro prescrevia até a Declaração Naval de Londres no seu artigo 44, que quando o navio transportasse contrabando, mas não estivesse sujeito a captura, poderia prosseguir na sua derrota se entregasse ao cruzador os objectos de contrabando que tivesse a bordo. A visita é, pois, operação que exige algum tempo para ser realizada, mesmo nas condições mais favoráveis, isto é, quando da simples inspecção dos papeis de bordo se pode concluir com segurança a natureza e destino da carga. Ora não eram estas condições que se teriam dado mais frequentemente no decurso da ultima guerra; a maioria dos casos seria duvidosa e, portanto, as operações da visita tornar-se-iam extremamente demoradas e perigosas para os navios operando na zona de guerra. Exercer o direito de visita à moda clássica tornava-se por conseguinte, incompatível com a segurança dos cruzadores, dada a energia com que os alemães estavam praticando a forma especial de guerra marítima que haviam adoptado, impossibilitados como estavam de exercer qualquer outra. Houve, assim, a necessidade de adaptar o direito de visita às novas condições em que elle ia ser exercido, e por isso foi imposta a todos os navios neutros que pretendessem navegar no Mar do Norte a obrigação de irem a determinado porto a fim de serem visitados ali, norma esta que sem dúvida constitue um dos mais duros atentados contra a liberdade do commercio dos não combatentes e que um escriptor italiano, com toda a razão, diz estar em *opposizione al giure internazionale*.

Foi notabilissima a polémica diplomatica sustentada pelo governo da America do Norte com os beligerantes dum e doutro lado, acerca da maneira como eram considerados os direitos dos neutros e a liberdade dos mares, principio este pelo qual aquella grande e activa nação sempre tem insistentemente pugnado em todas as conferencias internacionais; a intervenção norte-americana não logrou, todavia, os resultados desejados, o que debaixo do ponto de vista dos bons principios do direito internacional foi muito para lastimar.

*

Em matéria de contrabando de guerra o conflito que por tão longos e tristes anos ensanguentou a Europa não deixou herança muito apreciável; pelo contrário, creou precedentes nefastíssimos que talvez tenham vindo comprometer gravemente a evolução do direito internacional marítimo no que diz respeito à inviolabilidade da propriedade privada no mar, e em particular na questão do contrabando de guerra. Pondo de parte os processos alemães e reportando-nos simplesmente aos que foram empregados pela Entente, verificamos que, tendo desaparecido a diferença entre contrabando absoluto e condicional, entre artigos proibidos e não proibidos e estendendo-se a todos os objectos que presumivelmente fôsem dirigidos para a Alemanha o princípio de viagem continua, ficou por completo destruída a noção de contrabando de guerra e se adoptou como norma geral a velha doutrina do *british interest*. Este regresso teve como consequência a ressurreição dos bloqueios fictícios que outra cousa não é a interdição imposta aos neutros de comerciarem com o inimigo, declarando contrabando de guerra tudo quanto se destina ou saia do seu território. E se a ressurreição do bloqueio fictício fez retrogradar a evolução do direito de pelo menos um século, a visita, tal como foi posta em prática, leva o recuo ainda muito mais longe.

Agosto, 1919.

MATTA OLIVEIRA.

Capitão-tenente

BATALHA DE VERDUN

(Segundo a versão francesa)

(Conclusão)¹

Embora a acção a que propriamente se chamou *batalha de Verdun* se possa considerar terminada em Agosto de 1917, continuaremos coligindo as notícias referentes à luta travada nas margens do Mosa, em volta de Verdun, até que com a tomada do saliente de Saint-Mihiel a S. dessa cidade e a de Montfaucon a N. O. em Setembro de 1918 pelas tropas franco-americanas e finalmente com a reocupação pelos franceses das posições que constituíam a sua 1.^a linha em Fevereiro de 1916 a N. de Verdun, se pode considerar definitivamente concluída a luta na zona dessa heroica praça de guerra.

De 1 de Maio a 31 de Agosto de 1918

Durante este período de quatro meses não sofreu alteração digna de importância a situação dos beligerantes no campo de Verdun, no qual continuou reinando relativa tranquilidade, que contrastava com a actividade desenvolvida por alemães e aliados noutras regiões da frente ocidental, desde a Flandres até à Champagne.

Dias e dias consecutivos deixaram os *comunicados oficiais* franceses de fazer qualquer referência à luta nas margens do Mosa.

Respigando a menção das pequenas operações efectuadas, apenas se encontra o seguinte:

Em 3 de Maio canhoneio violento de ambas as artilharias na margem direita do Mosa, repetido no dia 5, especialmente

¹ Concluído de pag. 493 da *Revista Militar* n.º 8—Agosto de 1918.

nos sectores de Douaumont e de Flirey, e em 12 em Les Chambrettes, no sector do bosque de Caurières.

Em 14 acções de patrulhas francesas a O. do Mosa, fazendo alguns prisioneiros, acções que no dia 23 tomaram mais desenvolvimento no bosque de Avocourt, em que os franceses fizeram prisioneiros e se apoderaram de algum material de guerra.

Em 21 a acção das patrulhas efectuou-se na margem direita do rio.

Em 27 recrudescceu a actividade da artilharia em ambas as margens e na região de Saint-Mihiel, a S. e S.E. de Verdun. No dia seguinte tentaram os alemães um golpe de mão sobre as posições francesas do sector de Chambrettes, mas o ataque foi repellido pelo fogo dos defensores. A luta de artilharia prosseguiu vivamente na margem direita, e manteve-se em 29, estendendo-se neste dia de novo à margem esquerda.

A primeira quinzena de Junho constitue todo um novo período de quasi absoluta paralisia de luta.

Em 17 dêste mês tentam os alemães alguns ataques com pequenos efectivos no bosque de Caurières, ataques repellidos pelos franceses.

Novo ataque no dia seguinte, agora porém na região de Avocourt; os alemães são repellidos, deixando alguns cadáveres no terreno e um pequeno número de prisioneiros nas mãos dos franceses.

Em 3 de Julho é registada grande actividade de artilharia na margem direita do Mosa. Os franceses executam vários golpes de mão nesse dia e no imediato, conseguindo capturar alguns prisioneiros.

Em 11 é a artilharia alemã que trôa mais violentamente na margem esquerda, mas não há menção de combates da infantaria.

No dia 15 dêste mês iniciam os alemães a sua grande ofensiva a E. e O. de Reims, no Marne e na Champagne, numa frente de 90 quilómetros. Afirmou-se que um dos objectivos estrategicos desta ofensiva era atingir Châlons e Revigny e, avançando em direcção a Saint-Mihiel, estender o cêrco a Verdun por O. e S. O.

A contra-ofensiva franco-americana, que irrompeu no dia 18 entre o Aisne e o Marne, dirigida pelos generais Gouraud,

Mangin e Pershing, fez fracassar por completo a ofensiva alemã e forçou por fim as tropas do Kronprinz a retroceder para N. do Marne e do Vesle, não chegando assim os alemães, apesar dos seus primeiros exitos nos dias 15, 16 e 17 de Julho, a ameaçar sequer os sectores da defesa O. de Verdun.

Em 26 e numa pequena acção na margem direita do Mosa, as tropas francesas conseguiram adeantar as suas linhas a N. de Port-Binson.

Em 31 de Julho executaram os alemães alguns golpes de mão, também na margem direita, mas as suas patrulhas foram repelidas.

Durante todo o mês de Agosto reinou grande tranquilidade nos sectores de Verdun. Uma única referencia se encontra nos comunicados officiais: no dia 25 as patrulhas francesas fizeram vários prisioneiros na margem direita do Mosa e entre elles alguns pertenciam a unidades austro-hungaras que, ao que se afirma, haviam substituído tropas alemãs, talvez chamadas a cooperar na ofensiva da Champagne em meados de Julho.

**Tomada do saliente de Saint-Mihiel.
Verdun desafrentada dos lados Sul e Sudêste
— 12 a 15 de Setembro**

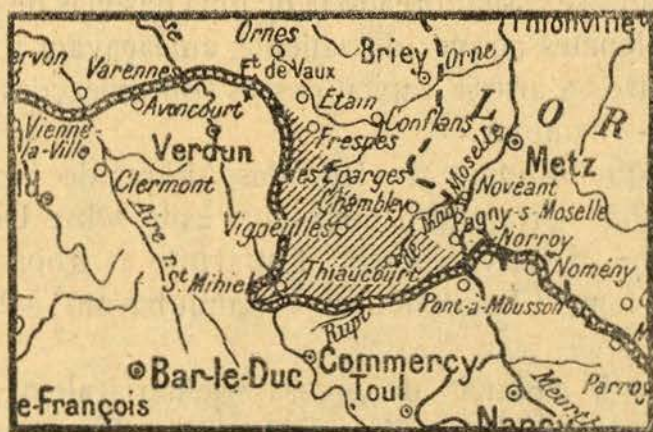
A 24 de Setembro de 1914 os alemães ocupavam, quasi sem opposição, a pequena cidade de Saint-Mihiel, banhada pelo Mosa e situada a S. E. de Verdun, e desde então cortavam a linha-férrea Lérrouville-Verdun e dominavam com a sua artilharia a importante via férrea Paris-Nancy.

A primeira linha alemã formou desde então um pronunciado saliente em volta de Saint-Mihiel, o qual affectava a fórma geral de um triângulo, cuja base se desenvolvia desde Épargès (do lado de Verdun) até o bosque Le Prêtre (a O. de Pont-à-Mousson), numa profundidade máxima de cêrca de 25 quilómetros, sendo conhecida entre os franceses pela designação de «hernia de Saint-Mihiel».

Em 24 de Julho de 1918 ficára organizado o 1.º exército americano em França, como unidade autonoma, sob o comando directo do general Pershing, sendo-lhe confiada a missão especial de restabelecer as comunicações de Paris com

Nancy, para o que se tornava necessário repelir os alemães de Saint-Mihiel.

Informados sem dúvida de tal missão e não dispendo de forças suficientes para se defrontarem com os americanos, em principios de Setembro os alemães começaram a evacuar o saliente de Saint-Mihiel, retirando a artilharia pesada, e os depósitos de munições e de viveres, mas conservavam as trincheiras guarnecidas o que permitiu que franceses e ame-



O saliente alemão de Saint-Mihiel, a S. E. de Verdun, antes do ataque franco-americano

ricanos lhes fizessem não menos de 15.000 prisioneiros, número importante pois parece que o saliente estava defendido por três divisões alemãs em primeira linha.

A operação tendo por fim reduzir o saliente, foi dividida em dois ataques convergentes: um, efectuado por tropas franco-americanas, foi dirigido sobre o lado ocidental, voltado a Verdun, alcançando as encostas das Alturas do Mosa, cobertas de denso arvoredado e que terminam na planície do Woëvre; outro, confiado exclusivamente aos americanos, desenvolveu-se sobre a quasi totalidade do lado meridional.

Sobre o vértice do saliente, na direcção de Chauvencourt e Saint-Mihiel, operou um corpo colonial francês, o qual recebeu a missão de ligar e coordenar os dois ataques laterais, ao mesmo tempo que no centro e em frente de Saint-Mihiel ocupava e retinha o inimigo quanto possível.

A operação foi iniciada em 12 de Setembro pelas 5 da madrugada, e depois de 4 horas seguidas de bombardea-

mento, pelas forças americanas que atacaram do lado de Pont-à-Mousson.

Às 6 horas começou o ataque pelo corpo colonial e às 9 da manhã tomavam a ofensiva as forças franco-americanas encarregadas de operar sobre a frente voltada a O.

Apesar de avançarem debaixo de chuva violenta, os infantés, precedidos dos carros de assalto atravessaram rapidamente as linhas alemãs, apoderando-se delas. Pelo meio-dia encontravam-se os atacantes em Montsec, Parmes e Thiaucourt e, tendo-se assenhoreado já de uma das vias de comunicação dos alemães através do saliente, ameaçavam a menos de 5 quilómetros a arteria capital dessas comunicações, a estrada Vigneulles-Chambley.

O ataque dirigido do lado das Alturas do Mosa—pelas 9 da manhã—progredira com igual éxito sobre Dommartin-la-Montagne, Seusey e Spada. Entretanto as tropas francesas entravam em Chauvencourt e caminhavam sobre Saint-Mihiel.

Devido à ausencia da grossa artilharia alemã, o ataque franco-americano progrediu rapidamente durante a tarde de 12 e entretanto as forças alemãs, apertadas por todos os lados, executavam uma retirada apressada na direcção do Woëvre.

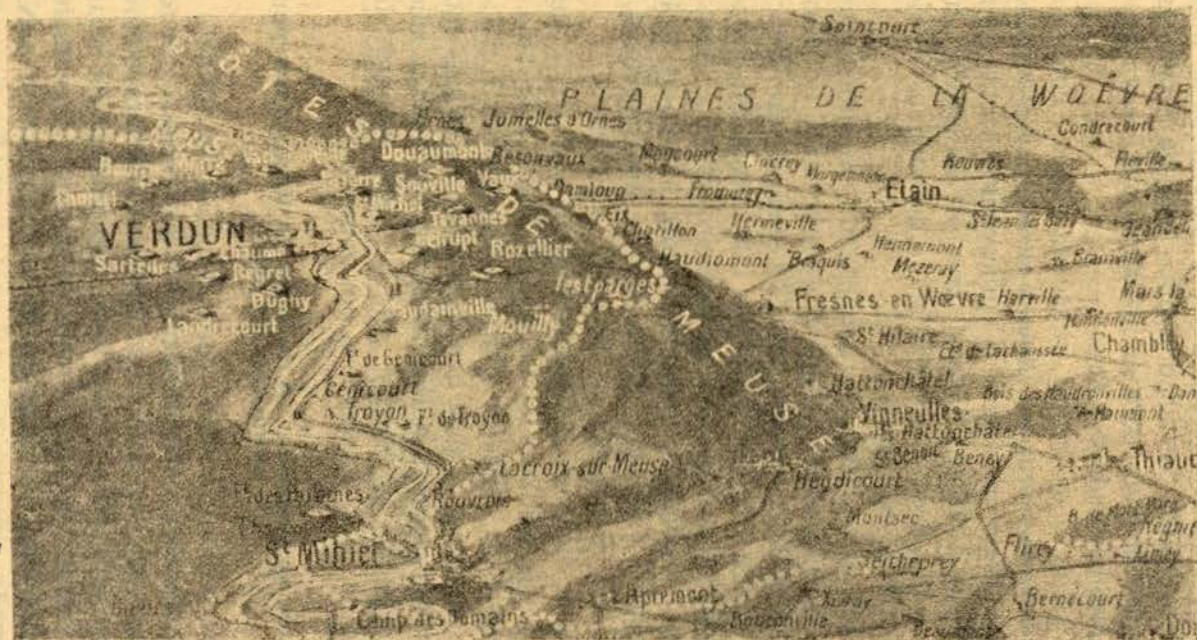
A cidade de Saint-Mihiel foi assim evacuada durante a noite e as tropas franco-americanas puderam ocupá-la às 7 horas da manhã do dia 13.

Na noite de 12/13 efectuava-se a junção das divisões americanas, que haviam realizado os ataques laterais, na região Hattonchâtel-Vigneulles e na manhã de 13 a acção prosseguia, mas agora já na linha que constituia a base do saliente.

Em 27 horas de luta os aliados tinham obtido inteiramente o resultado desejado.

Os alemães, cuja retirada foi em parte coberta por uma ou duas divisões austriacas, começaram a opôr mais vigorosa resistencia nas avançadas da sua linha principal de defesa, a qual seguia na direcção Bézonvaux-Novéant e cujos pontos de apoio tinham sido estabelecidos em Étain, Conflans e Chambley.

Esta linha era um prolongamento da linha de Hindemburgo.



Campo entrenchado de Verdun, Saint-Mihiel, Alturas do Mosa e planície do Woëvre

Na tarde de 13 de Setembro a frente americana passava adiante já das povoações de Herbeville, Hattonville, Jaulny, Thiaucourt e Viéville. Toda a crista das Alturas do Mosa se achava em poder dos aliados, cuja linha de batalha estava claramente orientada para as primeiras obras avançadas do campo entrincheirado de Metz.

Em 14 e 15 as tropas franco-americanas continuaram avançando: à esquerda até junto à estrada de Verdun a Pont-à-Mousson, depois de repellidos alguns contra-ataques junto de Saint-Hilaire; à direita a linha de combate foi levada à frente da aldeia de Vilcey e sobre a altura que domina o vale do Mosela, a N. de Norroy.

Em tres dias o 1.º exército americano, constituído por 14 divisões, 8 em primeira linha e 6 em segunda, tinha capturado mais de 15.000 prisioneiros, 200 canhões de vários calibres, em parte tomados às colunas que batiam em retirada e centenas de metralhadoras e de morteiros de trincheira.

Embora os alemães tivessem incendiado numerosos aprovisionamentos, foi-lhes ainda apreendido um importante despojo de todas as espécies de material de guerra.

Entre os prisioneiros figurava grande numero de austro-hungaros, das unidades incumbidas de cobrir a retirada.

Depois desta brilhante vitória, a primeira das tropas americanas em França, e pela qual a situação estratégica entre o Mosa e o Mosela ficou radicalmente transformada, a ameaça do envolvimento de Verdun pelo lado Sul, esboçada desde Setembro de 1914, desapareceu por completo.

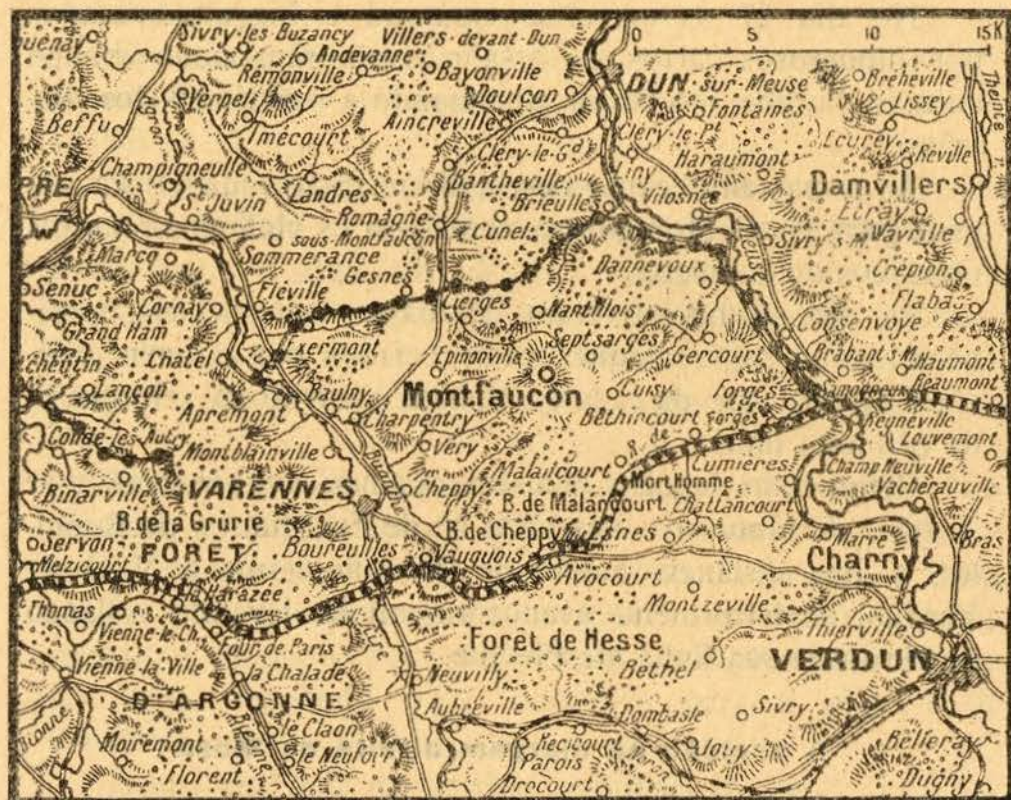
Ataques no Argonne. — A decisão da luta na margem esquerda do Mosa

Desde meados de Julho que a iniciativa dos grandes movimentos ofensivos na frente ocidental pertencia aos exércitos aliados, os quais sob a direcção do Marechal Foch empreendiam uma verdadeira batalha geral, sub-dividida em batalhas parciais, sendo uma destas a da Champagne, cujo resultado interessava a completa libertação de Verdun pelo lado de N. O.



Na madrugada de 26 de Setembro, o 4.º exército francês e o 1.º exército americano operando em íntima ligação a um e outro lado da grande floresta do Argonne, iniciaram a primeira ofensiva da grande batalha da Champagne.

A Oeste, entre os rios Suippe e Aisne, dirigia as operações o general francês Gouraud; a Leste, o major-general Liggett encontrava-se à frente das tropas americanas e operava entre o Aisne e o Mosa.

As posições alemãs que iam ser atacadas apresentavam, numa extensão de mais de 5 quilómetros de profundidade,



Linha franco-americana do Argonne à margem esquerda do Mosa
(De 20 de Setembro a 2 de Outubro)

Frente antes do ataque..... 
Frente em 2 de Outubro..... 

um formidável labirinto de trincheiras precedidas de formidáveis redes de fio de ferro.

Entre o Argonne e o Mosa, as tropas americanas — que haviam anteriormente substituído várias divisões francesas — iniciando o ataque em 26 de Setembro, conseguiram apoderar-se, depois de renhida luta, de Varennes, Montblainville, Vauquois e Cheppy, seguidamente de uma série de pequenas povoações até à linha Nantillois-Septsarges-Dannevoux e por fim alcançaram tornar-se senhores da soberba fortaleza

organizada pelos alemães em volta de Monfaucon, a qual parecia desafiar Verdun e lhes servira de quartel-general desde as primeiras fases da celebre batalha iniciada em 21 de Fevereiro de 1916.

As tropas aliadas franco-americanas capturaram nesse dia 26 de Setembro 12.000 prisioneiros alemães, dos quais 2.000 pelo menos feitos pelos americanos.

No dia 27 os exércitos Gouraud e Liggett, apoiados por numerosos carros de assalto, realizaram novo avanço entre o Suipe e o Mosa, dominando a resistência dos alemães.

As tropas americanas conseguiram levar a sua linha avançada para N. de Montfaucon, repelindo os violentos retornos ofensivos do inimigo.

No dia seguinte tiveram de manter as respectivas posições contra rijos ataques pronunciados por algumas divisões alemãs, que da reserva tinham acorrido a reforçar as da primeira linha.

Retomando depois a ofensiva, os americanos instalaram-se — em 2 de Outubro — nas orlas N. de Exermont e de Briulles, a uma distância média de 30 quilómetros a N. O. de Verdun. Posteriormente avançaram ainda, levando o flanco esquerdo da sua linha até Fleville.

A decisão na margem direita do Mosa

Depois do seu último avanço em princípios de Outubro, as divisões do general Liggett, que guarneciam a margem esquerda do Mosa desde a ribeira de Forges até Briulles, estavam sendo sensivelmente incomodadas pelos tiros de enfiada das baterias alemãs estabelecidas na margem direita. Tornava-se pois necessário que a frente de ataque dos americanos se estendesse nesta margem para o Norte de Verdun.

Algumas divisões francesas e americanas, estas últimas pertencentes ao exército do imediato comando do general Pershing, atacaram em 8 de Outubro as posições alemãs a N. de Verdun, e chegaram à altura das linhas que os franceses guarneciam em Fevereiro de 1916, antes do início da *batalha de Verdun*.

As aldeias de Beaumont, Haumont, Brabant e Consenvoye, em poder dos alemães havia mais de 2 anos e meio, foram reconquistadas pelos aliados e o inimigo repellido para N. dessas localidades.

Em 9 de Outubro, franceses e americanos ocupavam toda a linha do Mosa desde Mouzon a Bazeilles.

No dia 10 o avanço continuou na margem direita, ultrapassando os americanos Sivryé.

De 26 de Setembro a 13 de Outubro, o numero de prisioneiros alemães nas margens do Mosa subia a perto de 18.000.

A luta prosseguiu, defendendo os alemães o terreno com tenacidade e executando numerosos retornos ofensivos, pois o respectivo flanco esquerdo estava servindo então de ponto de apoio à sua extensa linha de retirada, a qual abrangia em meados de Outubro toda a frente ocidental, desde a Belgica ao Mosa, cobrindo ao mesmo tempo Metz.

Durante o resto do mês de Outubro e até 11 de Novembro de 1918, data da assinatura do armistício, combateu-se rijamente nas margens do Mosa e no dia 9 deste ultimo mês é que franceses e americanos alcançaram desalojar o inimigo das suas últimas posições nas Alturas do Mosa, repelindo-o por completo para a planície do Woëvre.

A luta em volta de Verdun terminára de vez.

*

* * *

Concluiremos, citando as derradeiras homenagens prestadas à heroica cidade de Verdun.

Em 22 de Outubro de 1919 recebe ela a visita de mais um chefe de Estado, o rei de Espanha, que ali foi depôr uma corôa no cemitério militar onde jazem 5.000 defensores do campo entrincheirado, visitando seguidamente as ruínas dos fortes de Douaumont e de Vaux.

Nesse mesmo dia 22 de Outubro de 1919 inseria o *Journal Officiel* do govêrno francês o seguinte honrosíssimo do-

cumento ⁽¹⁾ que, na concisão das suas frases, traduz eloquentemente a gratidão imensa de toda a França para com a cidade martir e heroica, como nenhuma outra, documento cuja importância é ainda realçada pelo prestigioso nome de Clemenceau que o firma :

*«O Presidente do Conselho, Ministro da Guerra, louva em
«Ordem do Exército a cidade de Verdun :*

«Praça de guerra avidamente cobiçada pelo inimigo, resistiu vitoriosamente aos poderosos esforços e aos repetidos ataques dos agressores.

«Suportou valorosamente as perdas e as ruínas que lhe causou um bombardeamento sem precedentes na história.

*«Baluarte inviolável, simbolizou a resistência da França.
«Paris, 2 de Outubro de 1919.*

JORGE CLEMENCEAU.»

Em 16 de Fevereiro de 1920, precisamente na vespera de terminar o exercício das altas funções de Presidente da República Francesa, que tão distintamente desempenhára, o sr. Raimundo Poincaré, dirigiu-se mais uma vez a Verdun, a fim de pessoalmente fazer entrega da Cruz de Guerra com que a heroica cidade fora agraciada.

Lisboa — Fevereiro de 1920.

P. S.

(1) Devemos à extrema amabilidade do ilustre oficial, sr. tenente-coronel E. Bernard, adido militar francês em Lisboa, o podermos publicar na íntegra este notavel documento, pelo que aqui lhe consignamos o nosso mais rendido agradecimento.

P. S.

Metralhadoras Pesadas

Damos a êste despretencioso artigo o título de «Metralhadoras pesadas», porque só a estas nos vamos referir.

Em Portugal, anteriormente à nossa cooperação na guerra, usando o nosso exército, sómente as metralhadoras Maxim, não havia equívocos dando-lhes a designação genérica de metralhadoras. Actualmente temos de fazer distinção entre metralhadoras pesadas e ligeiras, devido aos seguintes motivos:

- 1.º O material é diferente;
- 2.º O modo de actuar é também diferente;
- 3.º Há um tiro, o indirecto, que só pode ser executado pelas pesadas.

E ditas estas poucas palavras, justificativas do título empregado, vamos tratar propriamente do assunto dêste artigo.

Organização dum Grupo de metralhadoras em Portugal e no C. E. P. e sua composição

Um grupo de metralhadoras em Portugal compõe-se, pela organização em vigor, de três baterias a quatro metralhadoras, o que dá por grupo doze.

Em França, no C. E. P., cada grupo tinha duas baterias e cada uma destas oito metralhadoras, o que perfaz um total de dezasseis.

Parece à primeira vista uma diferença insignificante, menos quatro metralhadoras, mas não é, como vamos demonstrar.

No C. E. P., a cada brigada, estava adstrito para efeitos táticos um grupo de metralhadoras, isto é, a quatro batalhões, não contando as dezasseis metralhadoras ligeiras, por batalhão, correspondia um grupo de metralhadoras pesadas, ou sejam dezasseis.

Em Portugal, tendo nós oito grupos e oito divisões, vemos que, a cada divisão, corresponde um grupo, ou sejam doze metralhadoras e, como a divisão tem doze batalhões, notamos que corresponde a cada um uma metralhadora, quando em França, com a organização do C. E. P., correspondiam quatro.

Portanto, para haver igualdade entre a organização do C. E. P. e a de Portugal necessário se tornava, que cada grupo no país tivesse quarenta e oito metralhadoras.

Mas como reunír, ou agrupar quarenta e oito metralhadoras? Tôdas num só grupo?

Em nosso entender, não devem ser tôdas reunidas num só grupo, a não ser que se queira criar unidades com seis baterias a oito metralhadoras cada uma, o que nos parece demasiado. Julgamos preferível reuni-las em dois grupos de três baterias a oito metralhadoras cada.

Há uma vantagem, sendo assim reunidas.

Essa vantagem é a seguinte: dentro de cada divisão, a cada uma das brigadas ficava pertencendo um grupo. Quando mobilizasse uma brigada, ou fracção desta, já se sabia qual o grupo, ou fracção dêste, que tinha de mobilizar.

Alguém poderá objectar, que mesmo assim não ficaríamos com a organização do C. E. P., ou pelo menos com aquela que se pensou dar-lhe, isto é, faltam os grupos divisionários.

É verdade isso, mas para não levarmos mais longe a dotação em metralhadoras, podemos estabelecer o seguinte: as terceiras baterias de cada grupo ficam sendo divisionárias e, como tal, dependentes do comando da divisão. Teríamos, pois, cada brigada com dezasseis metralhadoras e cada comando de divisão com outras tantas, que empregaria reforçando uma ou outra brigada, conservando em reserva aquelas que julgasse necessárias para as empregar no momento oportuno.

Poder-se há dizer, que são muitas metralhadoras e que só uma guerra de trincheiras é que podia exigir uma dotação em material, como a do C. E. P.

Não somos da mesma opinião e vamos tentar justificar a nossa. E assim, diremos:

1.º Esta guerra provou ser necessária a organização adoptada e vemos que a dotação em material triplicou;

2.º As nações neutrais, e entre elas a Espanha, hão de tirar dela as lições necessárias e nestes termos hão de aumentar a dotação de material dos seus exércitos. A Espanha nomeou já uma comissão para adquirir material.

3.º O papel das metralhadoras, quer na ofensiva, quer na defensiva foi tão importante, que não é difficil encontrarmos em qualquer livro ou relatório trechos, como êstes: «No centro, o progresso, ou avanço foi anulado pelos ninhos de metralhadoras alemãs»; «no bosque de Saint-Guillain os carros de assalto vieram em soccorro do 140, detido pelas metralhadoras»; «na célebre ofensiva inglesa sôbre Cambrai, o avanço foi detido por grupos de metralhadoras pesadas alemãs, rápidamente transportados ao local do ataque»; «na ofensiva alemã, sôbre o monte Kénnuél, a heróica divisão de ferro franceza perde uns cinco mil prisioneiros e são os próprios franceses, que dizem—os alemães, usando mais uma vez o processo da infiltração, pelas rupturas feitas na frente escoam as suas metralhadoras, que com as suas barragens nos cercam, e aprisionam-nos uns cinco mil homens»; e, em refôrço do que deixamos escrito, nós preguntamos aos nossos Camaradas do 9 de abril—qual foi a arma, que sentiram após a artilharia? Eles responderão, que foram as metralhadoras' fazendo fogo de todos os lados.

4.º Mesmo na hipótese de ser demasiada a dotação para a guerra de movimento, nós preguntamos pelas nossas linhas de Torres, às quais se pode aplicar, reforçando-as, o dispositivo de trincheiras da grande guerra. E, nestes casos, não é preciso muito material? E as nossas linhas de invasão? Não possuem posições de fácil defesa e difficil conquista? Á posição de Talhadas não poderíamos aplicar os célebres ninhos de metralhadoras, dispensando uma parte dos dois mil homens, que os mestres dizem ser necessários para a sua defesa?

5.º E finalmente, em refôrço de tudo, que deixamos escrito, diremos o seguinte: os alemães ao princípio da guerra tinham quatro metralhadoras por companhia. Este número passou a seis e últimamente a oito, dando-se êstes aumentos antes da defecção russa. Quer dizer, quando a Alemanha não podfa dispôr do pessoal necessário, substituia-o por material. Nós não devemos perder tal facto de vista, porque

o nosso exército não tem grandes efectivos, ao passo que o nosso provável inimigo é muito superior em número.

Julgamos ter defendido a nossa humilde opinião.

Temos falado de material. Vamos agora tratar do assunto na parte respeitante ao pessoal.

Um grupo, no C. E. P., tinha o seguinte efectivo em oficiais: comandante, tenente-coronel, 1; ajudante 1; médico 1; oficial provisor 1; capitães 2; subalternos 10.

Em Portugal, cada grupo tem os seguintes oficiais: comandante, tenente-coronel, 1; ajudante 1; médico 1; oficial provisor 1; capitães 3; subalternos 6. Actualmente existe também o 2.º comandante.

Comparemos êstes efectivos. Em França vemos, que não havia o 2.º comandante, mas, em nosso entender, êste deve existir, como o provaremos quando tratarmos da ofensiva e defensiva.

No C. E. P. havia dois capitães, porque só havia duas baterias. Portanto, a diferença que notamos no quadro dos capitães justifica-se por terem os grupos em Portugal três baterias.

Nos subalternos é que notamos uma grande diferença, pois, havendo em França, em cada grupo, duas baterias, o seu quadro é de 10, ao passo que em Portugal, para três baterias, o quadro é de 6. Por outras palavras: em França, cada bateria tinha 5 subalternos e em Portugal 2.

Nós optamos pela organização do C. E. P., porque, tendo cada bateria 8 metralhadoras constituindo quatro secções, para cada uma destas necessita-se dum oficial, atendendo à responsabilidade do tiro, como o provaremos, quando a êle nos referirmos, e atendendo também ao fraccionamento da bateria em combate. O quinto subalterno, dentro de cada bateria, seria a reserva e um auxiliar do comandante, devendo ter a seu cargo as ligações.

Cada guarnição do C. E. P. era constituída por seis praças e mais tarde sete, incluindo o cabo.

A nossa organização dá quatro homens sómente. Seis, sete homens por guarnição são necessários, mas neste número não devem estar incluídos os telemetristas, esclarecedores e ordenanças. É certo que a nossa organização diz respeito ao material Maxin, contudo, se adoptarmos o material Wickers, ela não se pode pôr em prática.

Mais uma vez se deve solicitar para que as unidades de infantaria forneçam os homens com as condições exigidas no regulamento. Dar instrução de metralhadora, telemetro, clinometro, noções de graus e minutos, leituras de cartas, esboços de distância, etc., a homens analfabetos é completamente impossível.

Visto haver nas inspecções selecção dos mancebos para as diferentes armas, porque se não torna essa regra extensiva às metralhadoras? Evitava-se, pelo menos, que os grupos recibessem praças com officio de trabalhador, ou rachador de lenha e com tal altura, que não podem colocar o material a dôrso.

A nosso ver torna-se urgente a organização dos corpos de metralhadoras. É bom evitarmos casos, como os que se deram no C. E. P. Os grupos foram para França só com quatro homens por guarnição, quando as guarnições inglesas eram de seis. Se um estudo cuidadoso da organização inglesa tivesse sido feito, os efectivos dos grupos em França não teriam sido completados com analfabetos, recebendo as praças uma instrução incompleta, pois alguns homens entraram nas linhas só com a instrução elementar de tiro e, quando tal facto se observava, alguêm, com responsabilidade, declarava, que a verdadeira carreira de tiro era nas linhas. Não somos da mesma opinião e não precisamos de apresentar argumentos para justificar a nossa discordância, mas acrescentaremos que, quem tal dizia, ignorava o papel das metralhadoras pesadas nas trincheiras, pois as da defesa estavam silenciosas e as únicas, que faziam fogo, eram as do tiro indirecto, que, sendo feito de noute (e mesmo que fosse feito de dia) era impossível observar nos seus efeitos.

Um bom soldado de metralhadoras precisa de ter confiança na arma, e esta adquire-se só nas carreiras de tiro.

Em França, se as tropas podiam esperar, que fossem convenientemente organizadas e instruidas, o que aliás não succedeu, sem haver daí inconveniente para a defesa, o mesmo não acontecerá no país desde que seja atacado.

Convêm estarmos bem organizados na paz para bem nos desempenharmos na guerra.

Além de todos os inconvenientes das desorganizações e faltas do tempo de paz, há ainda êste que é importantíssimo :

o abatimento moral proveniente de não haver confiança em nada e a convicção que se radica de que sômos incapazes de organizar qualquer coisa regularmente, quanto mais bem.

E compreende-se que, quem não está organizado, não o pode fazer de momento, dando-se casos, como êste, que nos recorda agora: um grupo de metralhadoras mobiliza uma bateria para Moçambique. Os apontadores, quer do efectivo, quer licenciados não chegam para a mobilização.

O comandante solicita à Guerra autorização para completar a bateria a mobilizar com os apontadores da outra. A resposta foi negativa, recebendo informação de que brevemente teria o pessoal de que necessitava.

Realmente, passados dias, apresentaram-se apontadores de artilharia n.º 5 e n.º 4!! Claro, que o comandante informou, que daqueles apontadores não queria. Estes factos dão-se por falta de organização e o que é certo, é que êles, repito, abalam o moral e desanimam, chegando a parecer, que se presta pouca atenção áqueles que marcham para o cumprimento do dever e tão pouca que nos dá, como o caso acima referido, a impressão duma brincadeira.

Organizemo-nos, tiremos da guerra, em que colaborámos, os ensinamentos precisos e adaptemo-los ao nosso exército.

MANUEL COUTO JUNIOR.

Cap. 3.º G. M.

Pacifismo

(Continuado da pag. 751 do LXXI ano)

A acção dos socialistas nos momentos que precederam a guerra

Podemos conhecer muito perfeitamente até que ponto foi a bancarrota do pacifismo, em «O Socialismo e o conflito europeu» do notavel jornalista Fabra Ribas, o intrépido redactor da *Humanité*. Este insigne socialista, «servindo a causa com a paixão de um latino, é, por temperamento e por educação, contrário a todos os exageros, a tudo o que êle chama *hiperbólico*»¹. Pelo seu livro podemos avaliar com justiça qual foi a acção do socialismo perante a iminencia da tremenda conflagração e como por fim espesinou os preconizados princípios do internacionalismo.

Pelo verão de 1914, os partidos socialistas dos diversos países preparavam-se para assistir ao 10.^o congresso internacional, que devia realizar-se em Viena no dia 23 de agosto.

O partido francês reuniu um congresso extraordinário, durante três dias, de 15 a 17 de julho, com o fim de se resolver quais as instruções porque se deveria orientar a delegação francesa, que fosse a Viena. A proposta mais importante que se discutiu foi a apresentada pela Federação do Sena relativa à greve internacional em caso de guerra. Jaurés e Sembat falaram a favor; Compère-Morel e Guesde contra. Finalmente, foi aprovada por 1.690 votos contra 1.174 a resolução seguinte:

«O Partido Socialista (secção francesa da Internacional Operária) considera a greve geral espontânea dos trabalhadores de todos os países, combinada com a propaganda contra

¹ Magalhães Lima — *Palavras necessarias* (prefácio de *O Socialismo e o conflito europeu*).

a guerra entre as massas, como o meio mais apropriado para impedir a guerra e para impôr a arbitragem internacional do conflito».

Jaurés pronunciou um importantíssimo discurso.

Eis alguns trechos mais salientes:

«Parece-me impossível que a classe trabalhadora, a mais ameaçada pela tormenta, a que terá de fazer maiores sacrifícios, não tenha a consciência da sua própria fôrça. Nós, socialistas, denunciâmos na imprensa e nos comícios os crimes dos govêrnos; no parlamento, lutâmos quanto podemos; mas quando chega o momento, quando o povo está em perigo, é o próprio povo que deve definir a sua atitude.

Apesar de tôdas as diferenças teóricas, não pode haver divergência alguma no momento decisivo. E se a greve geral sistemática se emprega em todos os países com o propósito de combater certos perigos económicos, devemos abster-nos de emprega-la para combater o perigo da guerra? De maneira nenhuma. Mas não se trata de decidir se a greve geral estalará em caso de guerra, mas de saber se este movimento se produzirá confusa e desordenadamente, primeiro num ponto, depois noutro, e demasiado tarde, já depois de iniciada a guerra; ou se se declarará graças a um voluntário acôrdo internacional, antes de estalar a guerra e com o intuito de impedir que ela se faça...

A acção simultânea é necessária quando surge o perigo. Nem necessita de dizer que a sua paixão revolucionária a favor da paz está íntimamente relacionada com a sua paixão pela independência dos povos. E não ha princípio que exceda em beleza aquele que proclama que o proletariado de todos os países deve proteger a independência de tôdas as nações.

Quando tratamos de impôr a arbitragem, tentamos conseguir o apoio de todos os homens conscientes. E para não darmos aos nossos inimigos um pretexto para que nos ataquem, insistimos no facto de que a greve deve ser simultânea, isto é, internacional».

Estas declarações são claras e precisas. Os representantes da Internacional reunidos em Viena iam encontrar-se pela primeira vez, depois das vacilações que tinham caracterizado os anteriores congressos, ante uma proposta concreta, que podia

ser aprovada ou rejeitada, mas que era impossível classificar de ambigua e muito menos de equívoca.

As diversas secções da Internacional haviam tido quatro anos para estudar a emenda Keir Hardie-Vaillant. A resolução do partido socialista francês, devidamente comentada por Jaurès, esclarecia-a e precisava-a. Os debates do Congresso de Viena sôbre uma questão de tamanha transcendência prometiam ser sensacionais. Os socialistas de todos os países esperavam impacientes o seu resultado.

Um facto veio, porem, de súbito, mudar o curso dos acontecimentos: a nota que em 23 de julho a Austría enviou à Servia. O texto só foi conhecido no dia 24, e ao ver a brutalidade dos termos em que estava redigida, todo o mundo advinhou o perigo que corria a paz europeia. O Comité Socialista Internacional, perante a gravidade da situação, convocou telegráficamente todos os membros do *Bureau*. Em 29 de julho este reunia na Casa do Povo, de Bruxelas, com a presença dos delegados da Belgica, da França, da Alemanha, da Gran-Bretanha, da Polónia, da Russia, da Itália, da Espanha, da Holanda, da Suíssa, da Dinamarca e da Austria-Ungria. As sessões foram estritamente secretas. Eis aqui a parte mais importante da informação confidencial, que com data de 30 de agosto Fabra Ribas enviou ao Comité Nacional do partido socialista operário espanhol:

«Vandervelde, em nome do *Bureau*, convida os delegados da Austria a que deem conta da situação do seu país e do que os companheiros austríacos se propõem fazer.

Adler, em nome dos alemães da Austria, e Temec, no dos tcheques, declararam que os socialistas se encontravam absolutamente indefesos, e que a única cousa que podiam intentar era: 1.^a, preservar o proletariado da infecção guerreira e patriótica que pairava actualmente sôbre o povo austro-hungaro; e 2.^a, procurar que as organizações operárias (políticas, económicas e cooperativas) se mantivessem de pé durante e depois da tormenta. (É bom lembrar que no dia 29, no momento em que se efectuava a reunião do *Bureau*, já a Austria declarara guerra à Servia). Adler concluiu pedindo que o *Bureau* se mostrasse à altura das circunstâncias, outorgasse um voto de confiança aos companheiros da Austria, condenasse os culpados da guerra actual e fizesse com que os países imediata-

mente interessados no conflito tratassem de exercer pressão sobre os seus respectivos governos para evitar as complicações que poderiam surgir do presente estado de cousas. Por fim declarou que devia renunciar-se à celebração do 10.º Congresso Internacional em Viena.

As declarações do Adler e Temec produziram péssimo efeito em todos os presentes, pois foram olhadas não só como exageradamente pessimistas, mas também como impróprias de um momento de tão grande gravidade como o que atravessamos. O grande respeito que inspira a personalidade de Adler impediu que esta impressão se traduzisse de uma maneira um tanto viva. Mas a delegação alemã, pela boca de Haase, ao expôr a atitude da Social Democracia, afirmou que o governo do Kaiser já sabia que o partido socialista estava disposto a criar-lhe tôda a espécie de dificuldades para impedir-lhe a participação na guerra. Representantes officiosos do governo de Berlim trataram de apalpar o terreno, convencendo-se de que nas fileiras da Social Democracia havia grandes desejos de oposição aos desejos dos *Gauvinistas*. «Começamos — diz Haase — por manifestar publicamente a nossa aversão pela guerra. Na ultima terça-feira, 28 de julho, os nossos companheiros berlinenses tiveram conflitos com os imperialistas e a policia, o mesmo succedeu em outros pontos do império. O protesto não cessára, e se até agora se manifestou enérgico na rua, enérgico se manifestará nos quartéis e em tôdas as dependências do Estado». Haase terminou por propôr a celebração em Paris do congresso que devia efectuar-se em Viena, antecipando-se a data que fôra fixada, de modo que no dia 9 de Agosto a Internacional pudesse reunir na capital francesa «para dar um rigoroso impulso ao protesto que deve continuar cada vez mais enérgico contra a guerra».

Jaurés declarou-se satisfeitíssimo com as declarações de Haase, acrescentando que elas serviriam para que os companheiros franceses pudessem combater sem tréguas qualquer veleidade guerreira do governo, «embóra — acrescentou — possa assegurar que o actual gabinete é partidário decidido da paz e que está empregando esforços junto da Russia para a convencer de que não deve intervir no litígio austro-sérvio».

Axelrod e Rubonovich, em nome dos russos, afirmaram que os operários do seu país aproveitarão tôdas as circunstân-

cias propícias para desagradar ao czarismo. O movimento grévista continúia, acentuando-se de dia para dia o seu character nitidamente político e revolucionário.

Bruce Glasier, da delegação inglesa, disse que o proletariado da Grã-Bretanha estava disposto a cumprir integralmente as decisões da Internacional, seguro de que tanto os socialistas como os trade-unionistas não deixariam de honrar a bandeira vermelha. E acrescentou: «Se o govêrno inglês não se esforça em trabalhar pela manutenção da paz, a classe trabalhadora fa-lo-há cair».

Morgari, delegado do partido italiano, expressou-se nêstes têrmos: «Dissêmos já ao govêrno que não estamos dispostos a consentir que preste o seu apoio à Austria. Se não quizer ouvir-nos, quero dizer, se não mantiver a neutralidade mais absoluta, lançar-nos-hemos imediatamente na greve geral. Não sei se esta dará o resultado desejado; mas faremos todo o possivel para que assim suceda».

Depois de terem falado os representantes dos seis países, cuja intervenção na guerra era provavel, trataram-se outros assuntos que naquêles momentos revestiam certo interêsse. Eis brevemente resumido o que sôbre isto Fabra Ribas informou:

«Vaillant propôs que os socialistas dos pequenos países (Belgica, Suissa, Holanda, Noruega, Dinamarca e Suécia) instassem junto dos seus respectivos govêrnos para que propo-sessem uma arbitragem que resolvesse os conlitos internacionais pendentes. Depois de algumas observações de Vander-velde, resolveu-se que se deixasse aos companheiros das pequenas nações a faculdade de escolher os meios, que lhes pa-recessem mais apropriados para conseguir a desejada inter-venção. Por fim, resolveu-se que por motivo do Congresso de Paris se organisasse uma grande manifestação a favor da paz e que, se o govêrno francês proibisse a realização do Con-gresso, o Comité Executivo de Bruxelas indicaria a localidade em que deveriam reunir os delegados da Internacional».

Há pormenores que Fabra Ribas não refere no seu relatório, porque então não revestiam a importância que posteriormente se lhes reconheceu. O discurso de Adler, mais do que mau efeito, produziu estupefacção. Haase mostrou-se particularmente contrariado e Rosa Luxemburgo estava indignada. Enquanto Henri de Man traduzia para francês as declarações

do *leader* austriaco, Rosa Luxemburgo aproximou-se do sítio em que se encontravam Emilio Corrales e Ribas e, presa da mais viva emoção, disse-lhes: «A sessão não pode continuar sob esta atmosfera. Ás palavras de Adler é necessário opôr afirmações mais enérgicas e factos mais eloquêntes que todos os discursos. Morgari e Axelrod devem contar-nos as campanhas realizadas pelos nossos amigos italianos e russos contra a guerra. E o sr. vai dizer o que se deu em Espanha em julho de 1909».

Haase, que ouviu a conversa, concordou com as palavras de Rosa Luxemburgo e mostrou-se disposto, como fêz, a dar uma «nota distinta da de Adler».

Isto passava-se de manhã, na primeira sessão. Durante o almoço, o discurso de Adler (ao de Temec não se concedeu importância), foi objecto de tôdas as conversas entre os delegados. Como o tempo urgia vários delegados pediram a Jaurés que se fizesse éco do sentimento que os dominava, deixando para o final da sessão da tarde a realização do plâno proposto por Rosa Luxemburgo.

Jaurés esteve admiravel, apesar de se encontrar com uma forte enxaqueca. Não respondeu directamente a Adler; mas, com suma habilidade, congratulou-se com a enérgica attitude dos companheiros alemães, insistindo que ela auxiliaria os franceses e *os das outras nações directamente interessadas no conflito europeu* a demonstrar aos govêrnos que o partido socialista é um factor com o qual se torna necessário contar. Depois, em termos cordiais, pediu aos delegados da Social Democracia, que exercessem a devida pressão sôbre o govêrno do Kaiser para que se não repetissem factos tão deploraveis como a *démarche* efectuada em 24 de julho pelo embaixador alemão em Paris junto do ministro dos negócios estrangeiros da Republica, para anunciar-lhe que a Alemanha «endossava formalmente o ultimatum da Austria à Servia e estava disposta a intervir no caso de se generalizar o conflito». A gravidade dessa *démarche* (uma verdadeira provocação) estava no facto de só se ter efectuado em Paris. A delegação alemã reconheceu a razão que assistia a Jaurés e prometeu satisfazer os seus desejos. Vários delegados fizeram uso da palavra, e depois de se ter desvanecido, como desejava Rosa Luxemburgo, a má impressão produzida pelo singular discurso de Adler, o *Bu-*

reau Socialista Internacional decidiu por unanimidade publicar uma declaração pedindo aos proletários de tôdas as nações interessadas, não só para continuarem, mas intensificarem as suas manifestações contra a guerra, a favor da paz e pela solução arbitral do conflito austro-sérvio. A declaração terminava assim:

«Os proletários alemães e franceses farão sôbre os seus governos uma pressão mais enérgica do que nunca, para que a Alemanha exerça sôbre a Austria uma acção moderadora e para que a França consiga da Russia que se abstenha de intervir no conflito. Os proletários da Grã-Bretanha e da Itália, por seu lado, apoiarão enérgicamente estes esforços.

O Congresso convocado com urgência em Paris será a expressão vigorosa desta vontade pacifica do proletariado mundial».

A reunião do *Bureau Socialista Internacional*, despertara em Bruxelas uma expectativa extraordinária.

Embora o tempo urgisse e os delegados estivessem fatigadíssimos, realizou-se um grande comício no dia 30 à noute, com a assistência de manifestantes tão numerosos como entusiastas. Haase pediu que o deixassem falar em primeiro lugar, pois a delegação alemão, em vista do caminho que ia levando a crise europeia, desejava partir naquela mesma noute. Jaurés, vencido pela enxaqueca e ainda sem ter comido, fechou o comício com um discurso emocionante que electrizou a assembléa.

O comício de Bruxelas foi o último acto realizado pela Internacional; o discurso de Haase a última declaração da Social Democracia como secção alemã da Internacional operária; e o discurso de Jaurés, o último pronunciado pelo grande apóstolo da paz!

—Lembro-me, diz Fabra Ribas, como se acabasse de ouvi-las, destas palavras de Haase, o sucessor de Bebel no comité dirigente (Parteivorstand) da Social Democracia:

«A Austria vem procurando ha 25 anos estrangular economicamente a Sérvia. O ultimatum é, pois, na realidade, uma provocação a uma guerra procurada e desejada. A resposta da Sérvia estava, como se sabe, redigida com uma moderação tal, que se fosse possível admitir a boa fé da Austria, a paz estaria assegurada. *A Austria quer a guerra*. E o

mais espantoso, é que esta loucura criminosa pode cobrir de sangue a Europa inteira...

«A *Austria* parece contar com a *Alemanha*, mas os socialistas alemães declaram que os tratados secretos não obrigam o proletariado. O proletariado alemão diz que a *Alemanha* não deve intervir, e, bora a *Rússia* intervenha. A burguesia alemã crê que a *Alemanha* deve intervir, porque a *Austria* atacou a *Servia*. E, por uma conseqüência não menos odiosa, os burgueses franceses crêem também, que a *França* deve intervir contra a *Alemanha*. O proletariado francês pensa como nós.

«Que os nossos inimigos tenham muito cuidado! Pois pode ser que os povos, fatigados de tanta miséria e opressão, despertem e estabeleçam a cidade socialista. Ontem, em *Berlim*, milhares e milhares de proletários protestaram contra a guerra aos gritos de «Viva a paz! Abaixo a guerra!»

O publico aplaudiu entusiásticamente esta franca acusação contra a *Austria* e o espírito que, segundo o orador, animava o proletariado alemão.

Jaurés foi recebido com gritos de «Viva Jaurés! Viva a França!» Depois de ter estabelecido a responsabilidade da *Austria*, este socialista exclamou:

«É a *Alemanha*? Se conheceu a Nota austro-hungara não tem desculpa em ter permitido semelhante *démarche*. E se a *Alemanha* oficial não teve conhecimento da Nota austriaca, o que significa essa prudência governamental? Pois que! tendes um contrato que vos sujeita e vos arrasta à guerra, e não sabeis o que vos arrasta para ela?»

Pregunto a mim próprio que povo deu já semelhante exemplo de anarquia...

Para nós, socialistas franceses, o nosso dever é simples: não temos razões para impôr ao nosso govêrno uma política de paz. Realiza-a já. Eu que não vacilei nunca quando se tratou de atrair sôbre a minha cabeça o ódio dos nossos patrioteiros (*chauvins*), pela minha obstinação, que não cederá nunca, a favor de uma aproximação franco-alemã, *tenho direito a dizer que no momento actual o govêrno francês deseja a paz e trabalha por mante-la.*

«O govêrno francês é o melhor aliado pacifista desse admiravel govêrno inglês, que tomou a iniciativa da conciliação. E deu à *Rússia* conselhos de prudência e de paciência.

«Pelo que nos respeita, o nosso dever é insistir junto do govêrno para que fale à Rússia com a energia suficiente para que não intervenha. Mas se a Rússia desgraçadamente não fizer caso, o nosso dever é declarar : «Não conhecemos senão um tratado : o que nos une à humanidade».

«Eis aqui o nosso dever e, ao enuncia-lo, vemos que compartilhamos a opinião dos nossos camaradas da Alemanha, os quais estão pedindo ao seu govêrno que faça com que a Austria modere os seus actos¹».

Os delegados socialistas retiraram de Bruxelas confiados em que, houvesse o que houvesse, a Internacional saberia cumprir o seu dever.

Vê-se, pela declaração publicada pelo *Bureau Socialista Internacional*, que era enorme a responsabilidade com que ficaram os partidos francês e alemão. A Internacional confiava-lhes uma missão de cujo cumprimento dependiam, talvez, a paz europeia e o futuro do Socialismo.

Como procederam esses partidos?

A tarefa dos socialistas franceses era fácil: pertencia-lhes, por assim, dizer, convencer um convencido.

Havia contudo um perigo e era que o gabinete de Paris não procedesse com a decisão precisa para impedir a intervenção da Rússia. Para conjurar esse perigo utilizavam os socialistas tôdas as suas forças. Jaurés foi incansavel. Com a autoridade que lhe davam o seu incontestavel talento e a representação de uma minoria parlamentar de 102 deputados e de um partido de 1.400.000 eleitores, Jaurés aconselhou, suplicou e, cousa rara nêle, chegou até a ameaçar.

A 31 de julho, acompanhado por quasi todo o estado maior do partido teve uma importante conferência com Abel Ferry, sub-secretário dos negócios estrangeiros. No seio do partido trabalhou até que foi assassinado.

Mas todos os esforços do partido socialista e da Confederação Geral do Trabalho, que em 27 de julho organizou uma manifestação publica, eram absolutamente inúteis, visto que, apesar da atitude correctíssima da Rússia, que não cessava de

¹ *Le Peuple*, de Bruxelas, de 30 de julho de 1914.

receber conselhos de moderação da Inglaterra e da França, Pourtalés, embaixador alemão em S. Petersburgo, entregava no dia 1 de Agosto ao ministro dos estrangeiros da Rússia, Sazonof, a declaração de guerra da Alemanha.

A partir dêste momento, todo o peso da campanha da Internacional contra a guerra recaía sôbre o partido socialista alemão.

Vamos ver como este desempenhou a sua missão, examinando a atitude da Social Democracia desde o início do conflito até que a guerra rebentou.

No dia 25 de julho, conhecido o conteúdo da nota enviada em 23 pela Austria à Servia, o comité dirigente da Social Democracia publicou um manifesto em que acusava claramente a Austria de querer desencadear a guerra.

O manifesto terminava convidando os operários a realizar grandes comícios, para que os governantes ouvissem em tôda a parte o grito de «Não queremos a guerra! Abaixo a guerra! Viva a fraternidade internacional dos povos!».

No mesmo dia 25, o *Vorwaerts*, cujo título oficial é «Órgão central do partido social democrático da Alemanha», dizia:

«Os elementos sem escrupulos, cuja influênciã domina na côrte de Viena, querem a guerra. Os gritos selvagens que ha algumas semanas soltava a imprensa alvoroçadora demonstram que aqueles elementos querem a guerra. O ultimatum da Austria à Servia diz bem claramente ao mundo inteiro que querem a guerra...»

«Esse ultimatum, tanto pela sua forma como pelo seu fundo, é tão indigno, que um govêrno sérvio, que humilhado por essa nota quizesse ceder, *devia contar com a possibilidade de ser varrido pelas massas populares...*»

No dia 26 o mesmo jornal acusa ainda com mais energia a Austria, atirando à cara do govêrno alemão com a sua incompreensível passividade.

As advertências ao govêrno alemão precisam-se no *Vorwaerts*, do dia 27. E às advertências seguem as ameaças:

«Ninguém pode saber de antemão—diz o órgão central da Social Democracia—as probabilidades do triunfo. O que é certo para todos os países é a espantosa carnificina, a ruina económica e um Iena interno (isto é, a queda do govêrno).

«Influente vozes italianas declararam já que a Itália não está disposta a deixar-se arrastar como terceiro membro da Triplice Aliança em uma guerra provocada pela aventura austríaca na Sérvia. E é nestas condições que a Alemanha, só, com uma cega fidelidade de Nibelungen, vai colocar-se à frente para seguir a louca política da Austria, mesmo com risco duma guerra mundial?

«...O partido austríaco, sob a ameaça da lei marcial, acaba de lançar tôda a responsabilidade sôbre o govêrno. A classe operária russa desenvolveu já tal energia nas últimas semanas, que o govêrno do czar pôde vislumbrar o character de futuros acontecimentos. Que o proletariado francês cumpirá o seu dever, impedindo actos chauvinistas, ninguem pode pô-lo em duvida.

E é natural que a Social Democracia mobilize até ao ultimo militante para estas dificeis lutas.

«O que importa é impedir que a Austria venha com surpresas novas.

A Social Democracia considera o govêrno alemão ião responsável como o austríaco pelas decisões que este possa tomar.»

O *Vorwaerts* de 28 volta à carga contra a Austria e aplaude a attitude da Inglaterra, assim:

«Felizmente, a Inglaterra tomou a iniciativa para que a paz seja mantida e para prevenir o ameaçador e temivel conflito. As quatro potências neutrais, Inglaterra, França, Alemanha e Itália, deveriam, segundo a proposta de Inglaterra, assumir as funções de um tribunal de conciliação e arbitragem. É esta uma proposta razoavel em extremo. Tôdas as queixas *justificadas* da Austria seriam devidamente atendidas em tais condições. Poderia desde logo contar-se para esse efeito com a cooperação da Alemanha e da Itália. De modo que, se a Austria não quer *a guerra a todo o custo*, mas deseja apenas *direitos e garantias para o futuro*, não é possivel que recuse a mediação.»

(Continúa).

MELLO E ATHAYDE

Ten. coronel

Obras oferecidas

- 1 **O Arquivo Municipal de Miranda do Corvo. II. Subsídios para a historia das invasões francesas.**—Belisario Pimenta Lousan, 1918. 1 VOL. (0^m,19 × 0^m,12) de 188 pag.

Já a *Revista Militar* se tem referido aos conscienciosos trabalhos de investigação historica do sr. Belisario Pimenta, sobre as invasões francesas, de que o volume que hoje registamos é a conclusão, e que vem corroborar o conceito que então se exprimiu.

A merecidos aplausos tem direito o sr. Belisario Pimenta pelo trabalho da realmente proveitosa compilação a que se votou, com a cautela de que tem dado sobejas provas em todos os seus trabalhos, e não lhos regateamos, antes lhos repetimos com efusão.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido pelo infatigavel investigador.

- 2 Academia das Sciencias de Lisboa.—**Arsenicais e Sifillis. Critica do tratamento abortivo**, por Thomaz de Mello Breyner, socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra. Lisboa—Imprensa Nacional, 1918. 1 Opusc. (0^m,25 × 0^m,16) de 75 pag.

O nome de Thomaz de Mello Breyner ha muito que refulge entre os nossos homens de sciencia ; é nome que brilhando num trabalho só por si nos diz que esse trabalho é qualquer cousa superior, que se nos apresenta a provar como o homem caminha vitorioso pela estrada que a sciencia ilumina e amplia na conquista do infinito.

Sobre o valor da memoria que temos agora na nossa frente, nada melhor pudemos fazer que apresentar o parecer a seu respeito dado pela douta Academia das Sciencias de Lisboa—«Senhores: O medico Thomaz de Mello Breyner, distinto sifilógrafo, muito considerado no nosso país e no estrangeiro, apresentou á nossa Academia, entre varios trabalhos originaes, e como reforço á sua candidatura, uma memoria intitulada *Arsenicais e sifillis—Critica do seu tratamanto abortivo*.

«E' um trabalho de grande merecimento, pelo rigor com que é discutido, pela abundancia dos factos que baseiam as opiniões emitidas e pelo acerto nas suas conclusões.

«E' um trabalho que merece ser publicado pela nossa Academia e o seu autor admitido como socio correspondente da mesma corporação.»

Que mais poderíamos nós dizer?

3. Coronel Ribeiro de Carvalho.— **A Rebelião monarquica em Trás-os-Montes.** Relatório documentado. Chaves, 1919. I VOL. (0^m,215 × 0^m,155) de 130 pag.

Trata-se do relatório apresentado ao sr. Ministro da Guerra sobre os acontecimentos politico-militares do mês de janeiro de 1919, na area da 6.^a divisão do exercito, pelo então coronel sr. Augusto Cesar Ribeiro de Carvalho, que interinamente comandava aquela divisão.

Adverte o honrado e distinto official, que solicitou com empenho a licença para publicar este relatório, porque essa publicação lhe pareceu util e necessaria. *Util*, porque os factos passados na provincia de Trás-os-Montes no principio de 1919 eram mal conhecidos do publico, sendo assim o relatório, pela escrupulosa verdade com que foi elaborado e pelos documentos que confirmam a narração, um bom subsídio para a historia politico militar do País referente ao periodo a que respeita. *Necessaria* «porque,—escreveu o sr. Ribeiro de Carvalho—tendo a imprensa independente do Porto e a imprensa reaccionaria de todo o País deturpado consciente e propositadamente os meus actos, por ocasião da rebeldia da junta militar do norte, sem que o governo dêsse tempo, cujas ordens eu cumprira lealmente, por qualquer forma restabelecesse a verdade dos factos e desagravasse a minha dignidade ofendida, é indispensavel que eu ponha deante dos olhos dos meus camaradas e dos meus concidadãos uma narração verdadeira dos acontecimentos, em face da qual todos possam julgar fundamentalmente a legitimidade do meu procedimento».

Não precisava o sr. Ribeiro de Carvalho de se justificar perante quem o conhece, como nós que já tivemos a satisfação de servir sob as suas ordens e assim tivemos boa ocasião de reconhecer as nobres qualidades do seu character. A lealdade com que s. ex.^a desempenha os cargos que lhe confiam, a meticulosidade que sempre põe em pratica em tudo que pode tocar a sua honra de official, por ninguem de boa fé podem ser postas em duvida. Mas quando assim não fosse, a documentação que avoluma o relatório que nos ocupa decisivamente dissiparia qualquer hesitação que houvesse no conceito que se quizesse formar do ilustre e digno official, que já hoje ostenta as estrelas de general, conceito que só pode ser a todos os respeitos honroso e nobre.

- 4 Sociedade Historica da Restauração de Portugal. Comissão Central 1.^o de Dezembro de 1640. **O Povo na Historia de Portugal. A Restauração de 1640. Como se perdeu e se reconquistou a Independencia (1580-1668).** Discurso seguido de notas justificativas por **Antonio Ferrão.** Lisboa, 1919. Opusc. (0^m,245 × 0^m,165) de 39 pag.

O sr. Antonio Ferrão pronunciou este discurso na Sociedade de Geografia de Lisboa, na tarde de 1.^o de Dezembro de 1917, em sessão comemorativa de tão glorioso dia, á qual assistiu com larga e brilhante representação o elemento official, sem faltar o Chefe do Estado. O orador,

salientando a acção do povo em todos os actos faustosos da Patria, indus a oportunidade da comemoração historica da Restauração de 1640 no momento corrente de „anciosa expectativa—em que se està representando a mais pungente tragedia da humanidade, e em que a civilização atravessa a sua maior crise—,” e assim é „mais necessario retemperar o espirito e fortificar o animo colectivos para grangear a confiança em melhores dias, e para soerguer a esperança dum porvir risonho para esta Patria honrada e dignificada pelo dever espontâneamente cumprido.”

Evidencia ainda que „E' nos momentos de maior gravidade na vida dos povos que eles, volvendo os olhos para o seu passado, procuram avigorar o animo para a luta, e robustecer o espirito de resistencia com as mais belas lições de esforço e de tenacidade, e com os melhores exemplos de energia e de patriotismo, que a sua historia lhes manifesta e patenteia.”

E', como se vê, um discurso eminentemente patriotico, bem inspirado no feito brilhante que se comemorava, tão grato aos portugueses e tão proprio para avigorar com a sua evocação, a crença num Portugal Maior, pelo esforço que o patriotismo fundamentalmente impulsiona.

São muito curiosas e revelam vasta erudição as notas que elucidam e justificam o texto.

Agradecemos o exemplar que devemos á amabilidade do ilustrado autor.

A.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

A aviação alemã durante a guerra.—Foi grande o esforço realizado pela Alemanha durante a guerra no serviço de aviação, a que foi dado um grande desenvolvimento. Quando foi declarada a guerra, a Alemanha possuía 41 *secções* e 8 *parques* mobilizados, tendo cada secção 6 aparelhos.

Em 1918 já dispunha de 450 esquadrilhas, estando 309 em serviço activo. Cada esquadrilha tinha 9 aviões, excepto as de caça, que eram constituídas por 18.

Em 1914, para a defesa interna, tinha a Alemanha 18 esquadrilhas, e, quando teve lugar o armistício, possuía 103, estando 32 nas escolas de aviação e 7 para a aprendizagem dos observadores.

Emquanto em 1914 tinha na frente 500 homens, em 1918 esse número elevava-se a 5.000. Em 1914 a reserva do pessoal do serviço de aviação era quasi nula, enquanto que em 1918 dispunha de uma reserva de 80.000 homens, estando 5.000 em instrução. Em 1918 havia na frente dos exércitos 5.000 aparelhos, ou sejam 23 vezes mais que em 1914.

Quando teve lugar o armistício, só nas fábricas do estado estavam trabalhando 48.006 operários, havendo ainda inúmeras fábricas particulares trabalhando para os exércitos.

O consumo de essência foi aumentando consideravelmente, a ponto de em 1918 se consumirem uns 8.000.000 de quilos.

Disponham os aviões na frente de 2.000 aparelhos fotográficos, e todos estavam munidos de aparelhos de T. S. F. Uns, tinham 2 metralhadoras; e outros, uma peça.

Na frente morreram 1.756 oficiais e 1.741 sargentos do serviço de aviação; na retaguarda, morreram 584 oficiais e 1.378 sargentos; desaparecidos, houve 1.364 oficiais e 1.379 sargentos. O número total de perdas elevou-se portanto a 3.713 oficiais e 4.498 sargentos, ou sejam 8.211 homens.

Caminhos de ferro de campanha.—Os alemães na Grande guerra fizeram um largo emprêgo dos caminhos de ferro de via reduzida: As principais características destas linhas férreas eram as seguintes: largura da via, 0^m,60, formando tramos de 5 metros de comprimento, rectos ou curvos, e pesando o carril 9^{kg},5 por metro corrente. O carril é de aço, tendo 0^m,070 de altura, 0^m,056 de base e 0^m,027 na cabeça. Cada tramo tem 8 travessas metálicas de 0^m,16 de largura, sendo 0^m,70 o espaço contado de eixo a eixo, sendo o seu

comprimento de 1^m,20 para os tramos rectos e de 1^m nos curvos. Os raios das curvas são de 30 a 60^m. Os carris unem-se às travessas por meio de pernos; os tramos ligam-se uns aos outros por uma dubla brida com duas passadeiras por cada carril. Cada tramo recto pesa 190 kg.; e os curvos, 176^{kg},76.

—Os trabalhos estavam organizados de modo que em cada 24^h se assentavam 12 a 19 km. de linha. Do ponto em que começava a linha saíam em automóvel os oficiais de eng.^a com um representante do E. M., que indicava o traçado geral e os locais das estações. O resto dos trabalhos ficava a cargo do chefe da companhia de traçado. Esta comp.^a era formada por grupos de niveladores, porta-miras, etc., tendo a extensão de 6^{km},5 cada troço confiado a cada companhia de traçado. A companhia de traçado executava os seus trabalhos durante 8 dias, seguindo-se 4 companhias de terraplanagem, que trabalhavam noite e dia, fazendo os movimentos de terra e as obras de arte indispensáveis. Seguiam-se depois 3 comp.^{as} de via, trabalhando de dia e de noite, e alternando 8 horas cada uma. Outra comp.^a calçava as travessas e aperfeiçoava a linha. Era com esta comp.^a que marchavam os trens de construção, que se compunham de vagões com material, carvão, uma cantina, uma cozinha, um vagão-oficina e uma carruagem com oficiais.

Austria

Organização de um regimento de infantaria.

Durante a guerra os regimentos de infantaria eram constituídos por:

a) *Estado Maior*, compreendendo o comandante, 2 ajudantes, 1 oficial da intendência, 1 oficial da intervenção, 1 oficial do trem regimental, 1 médico e 1 capelão, 100 praças de pré, 30 cavalos, 12 viaturas (sendo 11 viaturas do trem e 1 cozinha rodada);

b) Tres batalhões com: um *estado maior* (1 major, 1 ajudante, 1 médico, 1 oficial para o gás, 1 sargento da intendência, 2 enfermeiros, 23 praças, 10 cavalos e 2 viaturas); 4 companhias (a 3 pelotões e 1 pelotão de metralhadoras ligeiras), tendo cada comp.^a—5 oficiais, 198 praças, 15 cavalos e 6 viaturas;

c) Uma companhia técnica, constituída por: 1 capitão, 2 subalternos, 2 aspirantes a oficial, 1 1.^o sarg.^{to}, 2 2.^{os} sarg.^{tos}, 6 1.^{os} cabos, 14 2.^{os} cabos, 148 soldados, 2 corneteiros, 1 cabo do trem, 1 cabo e 4 maqueiros, 1 cabo da intendência e 1 cabo da intervenção, 1 cabo p.^a os gases, 2 ferradores, 1 sapateiro, 1 alfaiate, 4 cozinheiros, 23 condutores, 5 impedidos, 2 ordenanças, 1 cavalo de sela e 39 de tiro, 1 cozinha rodada, 22 viaturas, sendo 7 de 2 rodas;

d) 1 pelotão de telefonistas de inf.^a, tendo: 1 oficial, 96 praças, 16 cavalos e 4 viaturas;

e) 1 comp.^a de metralhadoras pesadas, com 3 oficiais, 142 praças, 41 cavalos e 8 viaturas;

f) 1 secção de peças de inf.^a, com—1 oficial, 28 praças, 6 cavalos e 1 viatura.

O regimento de inf.^a, como estava constituído no verão de 1918, apresentava um efectivo de 106 oficiais, 3.343 praças e 72 metralhadoras. (*La Guerra y su preparacion*).

Espanha

Marchas de resistência de cavalaria.—O capitão da cavalaria espanhola, D. Manuel Espiau, acaba de publicar um resumo dos trabalhos por êle efectuados com alguns potros de 3 a 4 anos adquiridos em França (13 anglo-arabes e 4 arabes de puro sangue) e com potros e cavalos de 3, 4, 5 e 6 anos, provenientes dos potris militares espanhois (4 de sangue anglo-arabe, 3 de sangue exclusivamente espanhol, 3 com puro sangue arabe e 3 de puro sangue inglês).

Foram 10 as provas realizadas:

Na 1.^a prova percorreram-se 6 km. em 45 minutos, sendo 3 km. a passo, a razão de 10 minutos por quilómetro, e 3 km. a trote, a razão de 5 minutos por quilómetro, e alternando os quilómetros de passo com os de trote.

Na 2.^a prova foram percorridos 8 quilómetros em 60 minutos, alternando-se o passo com o trote.

Na 3.^a prova foram percorridos 10 km. em 65 minutos em 6 tempos de 10 minutos, em que se alternava o passo com o trote, percorrendo 1 km. a passo e 2 km. a trote em cada 10 minutos, tendo-se porém intercalado no meio um tempo de 5 minutos de galope, em que foram percorridos 2 km.

Na 4.^a prova foram percorridos 12 km. em 65 minutos em 7 tempos, em que foram empregados 3 tempos de passo de 10 minutos a 1 km.; 2 tempos de 5 minutos de galope, a 2 km. em cada tempo; um tempo de trote de 15 minutos, em que se percorreram 3 km., e um outro de 10 minutos, em que foram percorridos 2 km.

Na 5.^a prova foram percorridos 14 km. em 75 minutos, havendo 6 tempos, dos quais só um foi de galope, em que foram percorridos 4 km. em 10 minutos; 2 de trote, o primeiro de 20 minutos (4 km.) e o segundo de 15 minutos (3 km.); e os outros 3 tempos foram cada um de 10 minutos a passo (1 km. em cada tempo).

Na 6.^a prova foram percorridos 16 km. em 75 minutos, em 7 tempos, sendo 2 de galope (4 km. em 10 minutos), 2 de trote (de 15 e 10 minutos) e 3 de passo (1 km. em 10 minutos).

Na 7.^a prova foram percorridos 18 km. em 75 minutos; na 8.^a, 20 km. em 60 minutos; na 9.^a, 30 km. em 125 minutos; e na 10.^a, 40 km. em 173 minutos. Nestas últimas houve tempos de 16 minutos de galope, em que foram percorridos 8 km.

—No fim de cada prova examinava-se a temperatura dos cavalos ao chegarem à cavalaria.

Por estas experiências se avaliaram a resistência dos cavalos, quando bem treinados nas marchas, e estas se executem com certo método. (*Memorial de Caballeria*).

Aumento de soldo aos subalternos.

Ainda há pouco (29 de junho de 1918) fôra publicado um decreto aumentando os soldos aos oficiais das diversas armas e serviços e nele se fixavam em 2.400 e 3.000 pesetas os soldos respectivos dos alferes e tenentes; mas como foram também aumentados os vencimentos aos funcionários públicos, em que se considerou como vencimento mínimo o de 3.000 pese-

tas, o actual ministro julgou necessário dar remédio a esta falta de justiça relativa.

De facto, se um funcionário do Estado começa a sua carreira com o vencimento anual de 3.000 pesetas, não se compreendia que um alferes, que tem de fazer um curso demorado e custoso, tivesse vencimento inferior.

Em vista disto, o ministro da guerra, general Villalba, apresentou ao Congresso um projecto de lei elevando os soldos dos alferes a 3.000 pesetas e o dos tenentes a 3.500. Êstes vencimentos terão começo a partir de 1 de fevereiro.

Estados Unidos

Composição do regimento de infantaria.—Durante a recente guerra o regimento de infantaria americana era constituído por um *estado maior*, 3 batalhões, 1 companhia de aprovisionamento, 1 companhia de metralhadoras e 1 secção sanitária.

Do *estado maior* fazia parte a *música* (28 músicos) e uma *comp.^a de especialistas*, compreendendo 5 *secções*, que eram: a 1.^a, de *sinaleiros* e *telefonistas*; a 2.^a, de *gastadores*; a 3.^a, de *artelheiros* de infant.^a com 3 peças; a 4.^a, de *sapadores* e *bombardeiros*; a 5.^a, de *ordenanças*.

Cada *batalhão* tinha 4 *comp.^{as}* (a 4 pelotões) e 1 secção fora da fileira. Cada *pelotão* tinha: 1 secção de *granadeiros* (22 homens), 2 de *fuzileiros* (a 12 homens cada uma) e outra com *espingardas-automáticas* (11 homens).

A companhia compreendia—1 capitão, 4 subalternos, 15 sargentos, 33 cabos, 4 artifices, 4 cozinheiros, 2 corneteiros e 19 soldados

A *companhia de metralhadoras* tinha 3 *secções* a 4 metralhadoras. O *material* de um regimento era constituído por: 22 carros do *trem de combate*, 16 cozinhas rodadas, 38 carros de bagagens e viveres, 15 carros de água, 3 carros sanitários, 25 carros para metralhadoras e munições, 2 moto-sidcar, 1 auto para pessoal e 42 bicicletas.

O *animal* era constituído por 59 cavalos de sela, 8 muares de carga, e 332 de tiro.

Dados estatísticos relativos à recente guerra.—É preciso, por enquanto, considerar como não sendo rigorosamente exactos os diferentes dados estatísticos, que vão aparecendo relativamente à guerra, pois vemos de quando em quando aparecerem dados contraditórios. Contudo vamos registando os que vão aparecendo, devendo irmos fazendo correções sucessivas.

Assim vamos indicar alguns dados curiosos relativos ao exército americano:

Tendo ao princípio da guerra cada regimento de inf.^a 12 metralhadoras, êste número foi depois elevado a 36.

O número de peças de artilharia em França foi de 3.500, tendo sido construídas 500 na América.

Os aviadores americanos utilizaram 2.698 aeroplanos na frente de batalha, tendo sido fabricados na América 667. Foram destruídos 537, e ao inimigo foram destruídos pelos americanos 755.

Na batalha de St-Mihiel a artilharia americana disparou um milhão de granadas em 4 horas.

Na batalha de Meuse-Argonne, que durou 47 dias, tomaram parte 1.200.000 homens das tropas americanas.

Cada soldado americano recebia todos os 5 meses uma capa impermeável para abrigo; de 2 em 2 meses, recebia uma manta, uma camisola de flanela e um par de calças; um par de sapatos e umas polainas para 51 dias; um par de meias de lã para 23 dias; um par de ceroulas e uma camisa para 34 dias; um casaco para 79 dias. Tal era a duração média fixada para os diferentes artigos de vestuário do soldado americano em França.

Auto-cozinhas.—No regimento n.º 22 de eng.^a dos E. Unidos foi adoptada uma auto-cózinha que compreende 3 compartimentos. O anterior que serve de câmara frigorífica; o central, que serve de despensa; o posterior que é a cozinha propriamente dita. O seu custo é, porém, exagerado, pois é de 7.000\$ escudos.

França

O carro de assalto Renault.—De todos é sabido que na *Grande guerra* foram empregados 3 tipos de carros de assalto: o *tipo pesado*, de que se serviram os ingleses na batalha de Cambrai; o *tipo médio*, adoptado pelos alemães, e o *tipo ligeiro*, ultimamente empregado pelos aliados nos últimos meses da guerra, e que foram devidos à iniciativa do engenheiro francês Estienne e construídos por Mr. Renault, cujo nome tomaram.

—Os do tipo pesado, ainda que tivessem causado a rutura da frente alemã na batalha de novembro de 1917, contudo a sua acção foi mais devida à surpresa, tanto que, passada esta, os alemães contra-atacaram e os ingleses perderam todo o terreno conquistado. Os carros do tipo médio, empregados pelos alemães também não deram grande resultado, talvez por serem em número reduzido e porque os alemães não os consideravam como um elemento material de grande importância. Emquanto aos carros ligeiros, eles deram excelentes resultados e muito contribuíram para o êxito das operações a partir de 18 de julho de 1918.

Os principais característicos do carro Renault são: 4^m,10 de comprimento, 1^m,74 de largura e 2^m,14 de altura. O peso do carro com armamento e munições é de 6^t,5 para os que levam metralhadora, e de 6^t,7, para os que são munidos de uma peça de 37 m/m «Puteaux». A metralhadora empregada é a Hotchkiss, que tem como munição 50 fitas de 96 cartuchos. A peça de 37 m/m é semi-automática, dispara uma granada ordinária de melenite, e é dotada com 240 projecteis, sendo 20 com metralha para o tiro a curta distância.

O carro é blindado com placas de aço de 16 m/m de espessura, à prova de bala. As placas oblíquas têm 8 m/m, e as horizontais 6 m/m.

—Os carros têm 4 velocidades, percorrendo 1 km. a 7^{km},78 à hora, conforme o motor executa 1.000 ou 1.500 revoluções.

Podem vencer rampas de 119 % e transpôr trincheiras com 1^m,80 de largura. O motor tem 4 cilindros, fundidos numa só peça, tendo cada cilindro 95 m/m de diâmetro.

O Centro dos Altos estudos militares.—Este *Centro de estudos*, que já funcionava antes de 1914, vai em breve começar a funcionar. O seu fim é, não formar oficiais de estado-maior, o que é a missão da *Escola Superior de Guerra*, mas sim dotar os oficiais superiores (tenentes-coroneis e coroneis) com os conhecimentos gerais, que são indispensáveis para a direcção da guerra moderna. Os officiaes chamados a frequentar o «Curso de Altos estudos» serão mais tarde destinados a assegurar o recrutamento dos altos comandos.

Estes officiaes podem ou não ter o diploma de estado maior, pois, ainda que os officiaes com o curso de estado maior deem certas garantias de idoneidade, contudo há officiaes nas diversas armas que, não tendo frequentado a escola superior de guerra, se tem entregado ao estudo da sciência da guerra e de outros conhecimentos hoje indispensáveis a quem tem de exercer a direcção das grandes massas armadas na guerra moderna.

O Centro de altos estudos militares compõe o ensino não só dos problemas tácticos, mas ainda o estudo, sôbre a carta e sôbre o terreno, do funcionamento de um exército e de um grupo de exércitos. O estudo da *estrategia* conjuntamente com o da historia militar é aí feito com um grande desenvolvimento. Além dos estudos propriamente militares, ainda são estudados outros ramos da actividade humana e que mais se relacionam com a guerra, pois a sciência militar tem íntimas relações com as outras sciências — politicas, económicas e sociais. Isto é tanto verdade, que já hoje nos exames de admissão à escola superior de guerra e no exame para obter directamente (sem frequência da escola) o *brevet*, se exigem ainda conhecimentos de *historia geral* e do *direito*.

Antes de 1914, no *Centro dos altos estudos militares*, sob a direcção do chefe de estado maior general, as diferentes disciplinas e trabalhos de applicação eram confiados aos membros do *Conselho superior de guerra* auxiliados por officiaes do estado maior e da escola superior de guerra. O curso durava de 16 de janeiro a 13 de julho, e era dividido em 2 períodos: o período de inverno (16 de janeiro a 15 de maio) e o período de verão (16 de maio a 13 de julho).

O 1.º período é consagrado a exercícos de corpo de exército sôbre a carta; a exercícos do mecanismo dos órgãos do exército; a conferências sôbre *transportes*, *reabastecimentos*, estudo do exército alemão, marinha, etc.

Entre 15 de março e 15 de maio realizam-se manobras de quadros de divisão e de corpo de exército, e 2 exercícos sôbre a carta de manobras de exército e um exercíco preparatório para uma *viagem sôbre serviços da re-guarda*.

No 2.º período realizam-se *viagens de estado maior* de exército, uma sob a direcção do chefe do estado maior do exército, e outras sob a direcção dos membros do Conselho Superior de guerra. Os officiaes assistem ainda a escolas de tiro de artilharia no campo de Mailly, visitam uma praça forte, e percorrem alguns campos de batalha, assistindo aos estudos críticos dessas batalhas.

Do que acabamos de expôr se conclui—1.º Que está de há muito reconhecido que não basta o curso do estado maior para dar garantias de, entre os oficiais com êsse curso, se recrutar exclusivamente os generais, nem êsse curso é suficiente;

2.º—Que não é no posto de subalterno, nem no de capitão, que se devem cursar os altos estudos militares, indispensáveis para se poderem dirigir operações militares de grande envergadura, mas quando já se é oficial superior;

3.º—Que tais estudos são hoje necessários e indispensáveis para se ser promovido a general, não se devendo fazer depender a promoção a um tal posto apenas dum simples exame, que compreenda a resolução de um problema tactico sôbre a carta ou no campo, e que muitas vezes não dá a capacidade intelectual do oficial, nem permite avaliar o conjunto de conhecimentos gerais e especiais, que são precisos aos grandes chefes.

Supressão da lança.—Já antes da recente guerra havia quem condenasse o emprêgo da lança pela cavalaria, pois esta arma só tem utilidade na *carga*, e constituindo mesmo um embaraço na *refrega*. A guerra que há pouco terminou ainda mais razão veiu dar aos que condenavam a lança.

Tendo a cavalaria largamente recorrido ao *combate a pé*, e considerando-se hoje que nas futuras guerras a cavalaria terá de combater a pé, a lança, constituindo um grande obstaculo, acaba de ser suprimida no exército francês. A circular ministerial (julho-1919), que a mandou suprimir diz textualmente: «A importância crescente adquirida pela cavalaria no combate a pé criou a necessidade de dotá-la com todos os elementos necessários para desempenhar satisfatoriamente tal género de combate.

Com o fim de aligeirar o cavaleiro, deixando-lhe as armas e munições necessárias, o ministro resolveu suprimir a lança do armamento das tropas de cavalaria.»

Construção de aeroplanos.—As fábricas francesas construíram em 1915 3.460 aeroplanos; 7.552 em 1916; 15.435 em 1917; 18.843 nos nove primeiros meses de 1918.

O número de operários empregados nestas fábricas era 12.650 em 1 de janeiro de 1915; 30.960 em 1 de janeiro de 1916; 68.929 nos princípios de 1917; 131.551 em igual data de 1918; e 186.003 quando se assinou o armistício, em 11 de novembro.

Escola superior de guerra.—As provas escritas de admissibilidade à *Escola superior de guerra* em 1920 teem lugar de 16 a 19 de março da seguinte forma: no dia 16, *trabalho de aplicação tactica*; no dia 17, *trabalho de redacção militar*; nos dias 18 e 19, *provas de aptidão geral*.

As provas serão prestadas nas sedes dos respectivos 21 corpos de exércitos; em Strasbourg, sede do comando superior do território da Alsácia; em Metz, sede do comando superior do território da Lorena; em Tunis, para a divisão de ocupação da Tunisia; em Constantinopla, para o exército do Oriente; em Rabat, para o corpo de ocupação de Marrocos; em Beyrouth, para o corpo de ocupação do Levante.

Diversos

Projecto de uma peça com o alcance de 200 Quilometros.— Quando appareceu a gigantesca peça alemã que bombardeou Paris, a Repartição Technica do material de artilharia dos Estados-Unidos fez elaborar um projecto de construção de uma peça que, pelo seu calibre e alcance fosse superior á celebre peça alemã. Segundo M. Walker, o *Scientific American* publica os principais elementos da peça projectada.

O calibre era de 254 milímetros; alcance, 200 km; comprimento, 68,^{m5}; peso, 330,^{t21}; peso do projectil, 181,^{kg5}; velocidade inicial, 2591,40 m/s; força inicial, 61.435,^{mt2}; angulo de elevação maxima, 55°; angulo de queda, 59°; ordenada maxima, 74^{km}; velocidade no vertice, 792,66 m/s; velocidade na queda, 838^m; duração, 249^{''}.

De ha muito estava reconhecido que o angulo de elevação a que corresponde maior alcance é o de 55° e não o de 45°, como dantes se julgava.

Uma tão gigantesca e pesada boca de fogo tem de ser montada num reparo especial. O reparo projectado pesa 660 toneladas.

A peça deverá custar 2,5 milhões de *dollars* e lançará um projectil de 180^{kg} com uma carga de 27^{kg} de alto explosivo. Um aeroplano, custando 30.000 *dollars*, pode lançar sobre um alvo, e com a maior exactidão, bombas de peso quadruplo, e com uma carga de explosivo decupla. Daqui se conclue que a construção de uma tal peça representa uma verdadeira inutilidade.

Nova liga de aluminio.—Um engenheiro norueguês acaba de inventar uma nova liga de aluminio, a qual, apesar de ter sómento 6 % de aluminio puro, apresenta qualidades de resistencia e flexibilidade superiores á do ferro e do aço. Experiencias feitas na Inglaterra mostram que a nova liga pode ser empregada com vantagem na construção de aeroplanos, dos carros de assalto e dos escudos para a infantaria. Substituindo o ferro no material circulante dos caminhos de ferro, podem economizar-se 2/3 do carvão, que actualmente se torna necessario empregar na tracção.

O campo de tiro de Aberden.—Este campo de tiro para a artilharia americana tem diversas linhas de tiro, sendo a principal de 28^{km}, mas que se pode elevar a 80^{km}, atirando por cima da bahia de Cherapeake.

Nas experiencias de tiro realizadas no primeiro mês em 1918 consumiram-se 2.600.000 projecteis.

A Posnania.—A Posnania ou Grão Ducado de Pásen, que passa a fazer parte da Polonia, tem uma extensão de 29.000 km² e uma população de 2.100.000 habitantes, dos quais 62 % são polacos.

A capital da Posnania é Poznan (Posen), uma das cidades mais antigas da primitiva Polonia, e que foi durante muitos anos a residencia dos reis da Polonia. Em 1914 tinha 170.000 habitantes, dos quais eram: 101.000 polacos, 63.000 alemães e 6.000 judeus.

Algumas das povoações importantes da Posnania teem uma maioria de habitantes alemães, pois tem-se procurado por todos os meios alemanizar esta importante região, recorrendo a processos muitas vezes violentos e odiosos.

Apesar de todos os esforços, a Posnania, acaba de ser reintegrada na Polónia, como a Alsacia e a Lorena voltaram para a França. (La Corresp. ^a d'España).

Organização do corpo aeronautico no pé de paz.—Segundo o jornal inglês *Flight*, nos Estados Unidos foi fixado como efectivo no *pé de paz*, para um exercito de 500.000 homens, um *corpo aeronautico* com o seguinte efectivo:

1 major-general (comandante),
1 coronel-brigadeiro (2.º comandante).
32 coroneis, 45 t.ºs coroneis, 126 majores, 438 capitães, 696 tenentes,
594 2.ºs tenentes e 21.849 praças de pré.

Além deste *quadro permanente*, ha ainda um quadro de officiais de reserva, os quais deverão prestar anualmente 15 dias de serviço.

Tanks e tractores.—Segundo o *Scientific American*, o Estado Maior dos Estados Unidos, tendo anulado diversos contratos ao terminar a guerra, manteve porém os relativos á construção de *tanks* e *tractores* até se completar o que fôr necessario para um exercito de 500.000 homens, e que é assim determinado :

15 *tanks* de 3^t, 950 de 6^t, 100 de 30^t; 1000 *tractores* de 2^t,5, 4.000 de 5^t, 2.800 de 10^t, 267 de 15^t, 400 de 20^t,

Um novo projector.—Em virtude de experiencias favoraveis, a Administração Militar dos E. Unidos adoptou um novo tipo de projector, inventado pelo engenheiro Halvorson, cujas características principais são : Grande potencia iluminante, que é de 160 milhões de velas, espelho de 1,º52, simplicidade de construção pois só tem 20 peças, muito leves, pesando o projector 454 kg.

O projector é montado num auto-carro com um motor de 8 cilindros e um gerador electrico de 21 *kilowatt*. O peso do carro, com os 5 serventes, é de 4^t. O cabo para a manobra a distancia tem 90 metros.

V. C.

CRÓNICA MARÍTIMA

Portugal

Curso naval de guerra.—Por portaria de 3 de Fevereiro foi regulado o funcionamento do curso naval de guerra, creado pela ultima organização do Ministerio da Marinha. O novo curso vem preencher uma das mais importantes lacunas que há muito tempo se notava na nossa marinha, e a que nos outros países tem dedicado a atenção alguns notaveis escritores, como facilmente se verifica no interessantissimo artigo publicado nos *Anais do Club Militar Naval*, no seu numero de Outubro e Novembro do ano passado, sob o título *O estudo da arte da guerra na preparação dos officiaes*.

A todos os officiaes, desde os 1.^{os} tenentes com dois anos de posto, é permitida a frequência no curso naval de guerra, cujos fins são, segundo a letra daquele diploma :

Ministrar aos officiaes de marinha os necessários conhecimentos das sciências militares ;

Crear unidade de doutrina de guerra ;

Preparar officiaes para admissão no serviço do E. M. N. e nos estados maiores das forças navais. As materias que constituem este curso são expostas em conferências de character doutrinral ou de natureza tecnica. As primeiras são realizadas pelos officiaes do quadro permanente do E. M. N., e devem versar sobre os seguintes pontos :

Historia naval ; tactica, estratégia e operações da guerra naval ; orgânica militar naval, logistica naval e jogo da guerra naval, estrategico e tactico.

As conferencias de character tecnico serão feitas por officiaes especializados no assunto, estranhos ao E. M. N., e compreendem :

Arquitetura naval e transformações do material naval ; máquinas e caldeiras de vapor e motores de combustão interna ; tiro naval ; radiotelegrafia ; submarinos ; aviação naval ; torpedos e minas ; defesa da costa ; direito internacional marítimo e noções da arte da guerra terrestre, especialmente nas suas ligações com a guerra marítima.

Ao terminar o curso os capitães tenentes e 1.^{os} tenentes elaborarão memorias para provarem o seu aproveitamento ; sobre essas memorias formulará o E. M. N. o seu parecer que ficará registado nas notas de assentamentos dos officiaes. Os capitães de mar e guerra e capitães de fragata podem, querendo, sujeitar-se áquelas disposições ; em qualquer caso, porém, será sempre comunicado às instancias superiores que os officiaes seguiram o curso com assiduidade, e deste facto se fará menção nas notas de assentamentos.

Como a elaboração das conferências de caracter doutrinal faz parte dos trabalhos ordinários dos officiaes do quadro permanente do E. M. N., não perceberão elles gratificações especiais por tal serviço, vindo portanto a resultar muito economico o funcionamento do curso naval de guerra, visto que só haverá a abonar subsidio aos officiaes que sejam encarregados das poucas conferencias tecnicas, para as quaes é concedido o prazo de dois meses.

França

O futuro navio de combate.—Lord Fisher, um dos mais irrequiéto almirantes ingleses, acaba de publicar, como é sabido, um interessantissimo livro de memorias, que suscitou numerosas discussões na imprensa maritima. Uma das opiniões sustentadas pelo illustre almirante e perfilhada por outros escriptores, é que o futuro navio de combate deve ser muito rápido, dotado de artilharia poderosissima e com maior alcance que a dos vulgares navios de linha e ligeiramente couraçado. Os argumentos em que se fundam os partidários deste novo tipo de navio são realmente curiosos. Dizem elles que um navio mais rápido do que os outros e dispondo de artilharia de maior alcance, tem sempre a possibilidade de impôr ao inimigo a distancia do combate e de o ferir sem ser atingido pelos seus tiros. Nestas condições o aumento de velocidade e de potencia ofensiva pode-se alcançar sem inconveniente aligeirando a protecção.

Contra esta teoria insurge-se francamente o almirante Daveley, incontestada autoridade nestes assuntos, que num artigo do *Moniteur de la Flotte* (n.º 3 do corrente anno) a combate a todo o transe. Como neste momento atravessamos uma epoca de crise em tudo quanto se relaciona com o material naval, parece-nos interessante sumariar em poucas palavras o artigo em questão.

Concorda o almirante Daveley em que o futuro navio de combate deferirá tanto do actual couraçado quanto este se distanciava do antigo navio de 3 pontes, mas deste facto não se deve concluir que a teoria de Lord Fisher e dos seus partidarios seja aceitavel. Efectivamente, se fosse possivel assegurar a superioridade permanente no alcance da artilharia dos futuros navios de combate, não haveria inconveniente em lhes enfraquecer a protecção, mas como não se poderá evitar que os navios couraçados venham a ser igualmente armados com peças do mesmo alcance resultará, que a vantagem de serem mais velozes ficará prejudicada ou só poderá ser utilizada, quando muito, para evitar o combate e não para combater.

Poderia, portanto, succeder, como faz notar o articulista do *Moniteur de la Flotte*, que a esquadra mais lenta, ainda mesmo que fosse inferior, passasse impunemente pelos mares emquanto que a esquadra mais rapida, ainda quando mais poderosa, não se atrevesse a aproximar sem perigo do alcance da artilharia inimiga. Destas judiciosas considerações conclue o contra-almirante Daveley que a não ser que uma nação possua a faculdade de dar à artilharia dos seus navios um alcance superior áquele que tenha sido realizado nas marinhas das outras potencias, nunca a protecção dos seus navios de combate deverá ser garantida pela substituição da velocidade pela couraça.

Alemanha

Protecção celular dos navios.—Causou certa impressão durante a guerra o grande poder de fluctuabilidade de que eram providos os navios alemães e a esse facto se attribuiu o numero relativamente pequeno de baixas que tiveram nas diferentes acções navais e designadamente na batalha de Jutlandia. Sabe-se agora já pela publicação das *Memorias* de Von Tirpitz, que há muito tempo a marinha imperial realizava experiencias para chegar a uma solução que garantisse eficazmente a fluctuabilidade das suas unidades de combate.

A disposição adoptada finalmente, e que tão felizes resultados produziu, nada tinha de novo, foi devida simplesmente a combinação de vários sistemas já anteriormente empregados. Espaços cheios de carvão e fortes anteparas protegiam o interior do navio; um sistema de esgotos bem estudado e a possibilidade de inundar certos compartimentos permitiam conservar os navios sempre adriçados. As portas estanques foram banidas por completo.

É a este conjunto de medidas que, segundo a opinião do antigo ministro da marinha alemã, se deve o facto de alguns navios terem resistido victoriosamente ao choque das minas e ao tiro da artilharia e dos torpedos do inimigo. O *Goeben*, atingido por tres minas, conseguiu regressar ao Bosforo.

Verifica-se assim, que dentro dos antigos processos de protecção celular é ainda possivel encontrar uma solução satisfatoria para o problema de conservação de fluctuabilidade dos navios de guerra durante o combate.

M. O.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 122^e (1e) *Régiment d'infanterie pendant la guerre*. 5 août 1914 — 11 novembre 1918. Paris imprimeur et libr. Chaix, 20 rue Bergère 1919. (25 juillet.) In-16, 126 p.
- 2 Pierre Weiss. — *Notes de guerre* (suite). III: *la Vallée de Josaphat*. Nancy, impr. et édition d'art Coubé rue de la Pépinière. 1919. In-8, 51 p.
Tirage strictement privé.
- 3 *Administration et Comptabilité intérieures des corps de troupe*. Administration des troupes et des services appelés à faire partie d'un corps expéditionnaire. Volume mis à jour à la date du 1^{er} mai 1919. Limoges, impr. libr. — editeur Henri Charles-Lavauzelle. Paris libr de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1919. In-8, 208 p. 2 fr. 50.
- 4 *Etat militaire des officiers de cavalerie*. 1^{er} mars 1919. Limogex, impr. libr. de la même maison 124, boulevard Saint-Germain. 1919. In-8, XI-292 p. Broché, 4 fr. 50; relié 5 fr. 50.
- 5 Colonel Alvin du 28^e régiment d'artillerie commandant André du 121^e régiment d'artillerie lourde. 4^e édition. — *Manuel d'artillerie lourde* (matériel) Limoges, impr. libr. éditeur Henri Charles-Lavauzelle. Paris, lib. de la même maison, 124 boulevard Saint Germain 1919. In-16 XV 390 p. avec figures, cartonné, 4 fr.
- 6 Lieutenant — colonel Lorieux, ingénieur en chef du service des routes militaires. — *Le Service des routes militaires pendant la guerre. 1914-1919*. Limoges impr. libr. — éditeur Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124 boulevard Saint-Germain. 1919. In-8 159 p. avec gravures et figures 4 fr.
- 7 BOURET (lieutenant colonel, commandant le 11^e dragons). — *11^e régiment de dragons*. 1914-1918. Nancy-Paris Strasbourg, impr. — libr. — éditeurs Berger Levrault. 1918. In-16, 20 p.
- 8 ADOLF Gysin, sergent au 328^e régiment d'infanterie. *La Bataille de la Marne*. Auxerre, impr. Gallot. 1918. In-8, 40 p.
- 9 ANDRÉ Pavie. — *Les Dommages de guerre* Guide pratique contenant le texte de la loi du 17 avril 1919, son explication et tous renseignements indispensables. Limoges impr. — libr. — editeur Henri Charles Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1919. In-8, 183 p. 2 fr. 50.

- 10 G. Hanotaux. — *Histoire illustré de la guerre de 1914*. Fascicules 114, 115 e 116. Paris impr. G. de Malherbe et C^{ie}; «l'Édition française illustrée» (Gounouilhou éditeur), 30 rue de Provence. 1919. Trois fascicules in 4 à 2 col. de 24 p. de texte et d'illustrations. N^o 114, p. 200; n.º 115, p. 201 à 220; n.º 116 p. 221 à 240. Le fascicule, net, 1 fr.

Inglaterra

- 1 ATKINSON (Lieut. Col. J.) *The Transport Officers' Guide*. Cr. 8vo, pp. 71. Gale & P. n. 1/6
- 2 BAIRNSFATHER (Bruce) *From Mud to Musti*. With Old Bill on all Fronts. Cr. 8vo, pp. 294. Richards. n. 6/
- 3 BAIRSTOW (L.) *Progress of Aviation in the War Period*. Some items of Scientific and Technical Interest. (Wilbur Wright Lecture, 1919.) Cr. 8vo, pp. 24. Ryl. Aeronautical Soc. 2/6
- 4 BARKER (Capitain D. Wilson) *A Manual of Elementary Seamanship*. 8th edition, revised. Cr, 8vo, pp. 287. Griffin. n. 7/0
- 5 CABLE (Boyd) *The Old Contemptibles*. Cr. 8vo, ppp. 306. Hodder & S. n. 6/
- 6 CARTMELL (H.) *For Remembrance*. An Account of some Fateful Years. Cr. 8vo pp. 280. Toulmin & Sons. n/8
- 7 CASSELS (Scout Joe) *With the Blach Watch. The Story of the Marne*. Cr. 8vo, pp. 255 Melrose n. 5/
- 8 COLEMAN (Frederic) *From Mons to Ypræs with French*. A Personal Narrative. 6th impression. Cr. 8vo pp. 343. S. Low. n. 3/6
- 9 COTTRELL (Bt. Lt-Col. R. F.) *Imperial Defence After the War*. Royal 8vo, swd., pp. 29. Hugh Rees. 1/6
- 10 DANE (Edmund) *British Campaigns in the Nearer East. 1914-1918*. From the Outbreak of War with Turkey to the Armistice Vol. 1. — The Days of Adversity. 8vo, pp. 252. Hodder & S. n. 7/6
- 11 ELEMENTARY *Outdoor Tactical Exercises* (Infantry). Cr. 8vo, swd., pp. 23. Gale & P. n. 6d
- 12 FIELD *Ambulance Sketches*. By a Corporal. Cr. 8vo. pp. 157. J. Lane. n. 5/
- 13 FIRTH (J. B.) *Dover and the Great War*. Cr. 8vo, pp. 131. A. Leney.
- 14 FISHER (Lord) *On the Navy. A Series of Articles by Admiral of the Fleet Lord Fisher*. Royal 8vo, swd., pp. 32. Hodder & S. n. 6d
- 15 GRAHAM (Stephen) *A Private in the Guards*. 8vo, pp. 346. Macmillan. n. 10/
- 16 GUIDE to the Duties, of an Adjutant. By «Tallow.» With a preface by an Old Adju^{ant}. 8vo. pp. 111. Gale & P. n. 5/
- 17 HAY (Ian) *A Knight on Wheels*. Cr. 8vo, pp. 317. Hodder & S. n. 2/6
- 18 HISTORY and Memoir of the 33rd Battalion Machine Gun Corps. and of the 19th, 98th, 100th, and 248th M.G. Companies Written and illustrated by Members of the Battalion. Demy 4to, pp. 119.
- 19 HOWARD (Brevet Colonel T. N.) *Tests and Competitions for an Infantry Battalion*. 8vo, swd., pp. 28. Gale & P. n. 1/

- 20 KING (E. L.) *Silhouettes of Effective British Warhips*. Gr. 8vo, pp. 60. *S. Low*. n. 5/6
- 21 MALINS (Lieut. Geoffrey H.) *How I Filmed the War*. A Record of the Extraordinary Experiences of the Man who Filmed the Great Somme Battles, etc. Edited by Low Warren. 8vo, pp. 319. *H. Jenkins*. n. 12/6
- 22 MORTANE (Jacqdes) *Special Missions of the Air*. An Exposition of Some of the Mysteries of Aerial Warfare. Cr. 8vo, pp. 131. *Aeroplane Pub. Co*. n. 3/
- 23 MOTTE (Elen N. La) *The Backwash of War*. The Human Wreckage of the Battlefield, as Witnessed by an American Hospital Nurse. Cr. 8vo, pp. 186. *Putnams*. n. 5/
- 24 RAYNSFORD (Major R. M.) and Palmer (Major R. A. H. Orpen-) *Officers' Mess Accounts*. Cr. 8vo, pp. 30. *Hugh Rees*. n. 3/
- 25 RAYNSFORD (Major R. M.) *Officers' Requirements in India*. Cr. 8vo, pp. 90. *Hugh Rees*. n. 4/
- 26 SCOTTIE and *Some Others*. By «Staff Nurse.» Cr. 8vo, pp. 122. *Chambers*. n. 1/6
- 27 SLEEMAN (Lieut.-Col. J. L.) *First Principles of Tactics and Organisation*. Cr. 8vo, pp. 170. *Gale & P.* n. 6/
- 28 SPIEGEL (Lieut.-Com. Freiherr Von) *U-Boat 202. The War Diary of a German Submarine*. Translated from the German by Captain Barry Domville. Cr. 8vo, pp. 180. *Melrose*. n. 2/6
- 29 STREET *Fighting for Junior Officers*. By «Egyptforce.» Cr. 8vo, pp. 60. *Gale & P.* n. 1/6
- 30 SWEETSER (A.) *The American Air Service*. «Problems of War and Reconstruction Series.» Cr. 8vo. *Appleton* n. 10/6
- 31 TURNER (Major Charles C.) *The Struggle in the Air, 1914-1917*. Royal 8vo, pp. 296. *E. Arnold*. n. 15/
- 32 TWELLS (J. H. Jun.) *In the Prison City*. Brussels, 1914-1918. A Personal Narrative. Cr. 8vo, pp. 302. *A. Melrose*. n. 5/
- 33 VERDAN, *the Battle of (1914-1918)*. 8vo, pp. 112. *Michelin & Cie*. n. 3/
- 34 *V. C.'s of the Air*. Written by Lieut. Gilbert Barnet, R.A.F., and Pictured by Dudley Tennant. Cheaper edition. Royal 8vo, pp. 36. *Simpkin*. n. 2/6
- 35 WILLIAMS (Ariadna Tyrkova) *From Liberty to Brest-Litovsk*. The First Year of the Russian Revolution. 8vo, pp. 538. *Macmillan*. n. 16/
- 36 YPRES, 1914. *An Official Account published by order of the German General Staff*. Translated by G. C. W. Cr. 8vo, pp. 160. *Constable*. n. 5/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *O Instituto*, n.º 11 de Novembro de 1919. Boletim do Instituto. Osteometria portuguesa. Dr. Manoel Antonio Ferreira Deusdado. Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Ourives de Coimbra. Dois inéditos acerca das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo.

- 2 *O Oriente Português*, n.º 9 e 10 de Setembro e Outubro de 1919. Trato comercial entre a Europa e a Índia em tempos remotos. Francois Caron e Ceilão. Relação completa das religiosas do Mosteiro de S.^{ta} Mónica de Goa. As conquistas de Portugal. Bens dos Jesuitas. Embaixadas indianas aos imperadores romanos. Famílias portuguesas estabelecidas no Chorão. *Vária Variorum*.
- 3 *Revista de Artilharia*, n.ºs 183 e 184 de Setembro e Outubro de 1919. Os projectores foto-electricos. Apontamentos sobre a artilharia pesada francesa durante a guerra. Algumas palavras sobre Obuses e Artilharia Pesada de Campanha. Variedades. Bibliografia.

Brasil

- 1 *O Tiro de Guerra*, n.º 12 de Dezembro de 1919. Jahú-Cidade Escoteira. Inspeção dos Tiros em S. Paulo. A Educação Civica do Povo. Etc.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejército de Colombia*, n.º 88 de Outubro de 1919. Campaña del Sur del general Don Antonio Narino—1813-1814.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 44 de Outubro de 1919. El gas como agresión. Inventos de Iluminación en la gran guerra. La caballería en la guerra reciente. La roca del Marne. Ipres ocasiono la perdida de la guerra a los hunos. Nuestra batalla del Argonne. Nota de los combates recientes. De la «Gaceta Oficial». Etc.
- N.º 46 de Dezembro de 1919. Inventos de iluminación en la gran guerra. La caballería en la guerra reciente. Nuestra batalla del Argonne. La Fortificación permanente en la guerra actual. Las perdidas territoriales de Alemania segun el tratado de Paz.—Nuevos estados. La marcha de von Kluck hacia el Marne. Medios de comunicación y enlace en el ejército. Cañones e obuses. La artillería futura y la movilidad. Progreso de la artillería naval. Juicio sobre algunos jefes de cuerpo. La reina de las batallas. Etc.

Espanha

- 1 *Estudios Militares*. n.º 9-10 de setembro-outubro de 1919. El moderno armamento de la infantería. Historial de Borbón. XVII de Infantería. El Empecinado. Apuntes históricos 1914-1919. A propósito de la batalla de Cannas. Revista extranjera.

- 2 *Memorial de Artilleria*, n.º de Novembro e Dezembro de 1919. Proyecto de punteria automática indirecta. Mando a distancia en las baterias de campaña. Notas sobre artilleria pesada y de posición. Congreso Nacional de Ingenieria: Inclusiones no-metálicas en los aceros especiales—Conferencia. Generalidades sobre el caballo pura-sangre inglés en sus diversos aspectos. Variedades. Bibliografía.
- 3 *Memorial de Caballeria*, n.º 43 de Janeiro de 1920. Los carros de asalto. Pruebas y hechos de resistencia de caballos. Una ojeada por las grandes páginas de la Historia. La instrucción en las clases de tropa permanentes. Caballeria y Artilleria. Revista de Revistas. Africa—Ultimas operaciones. Breve, pero entusiasta trabajo del 7.º de Caballeria. Noticias militares. Libros. Necrologia. Estudio critico sintético de las causas del desastre turco en la guerra balkanica (1912), Etc.
- 4 *Memorial de Infanteria*, n.º 96 de Janeiro de 1920. Definitivas y fundamentales enseñanzas de la pasada guerra. Problemas tácticos del Capitán Balédent. Defensa de Tolosa. Variedades. Saludo á los infantes.—La aviación y la Infanteria. Necrologia. Noticias Militares. Revista de Revistas. Bibliografía. Etc.

França

- 1 *Revue Militaire Générale*, n.º 4 de Dezembro de 1919. Les projets de loi militaire. Choses d'artillerie. A quoi sert la cavalerie. L'évolution du service des renseignements. Chronique.

Italia

- 1 *Rivista di Artiglieria e genio*, n.º de Outubro de 1919. La funzione strategica delle piazze forti nell'ultima guerra. Il tiro d'accompagnamento. Dati e cenni su materiali dell'artiglieria già Austro-Ungarica. Riassunto delle nostre operazioni militari. Il sistema di telegrafia Fuller. Esplosivi. Notizie. Bibliografía.
- 2 *Rivista de cavalleria*, n.º 12 de Dezembro de 1919. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. La Cavalleria nella campagna del 1914 in Francia e nel Belgio. Cavaliere o Centauro? Cronaca degli avvenimenti di guerra dall'agosto 1915. Libri—Riviste — Giornali. Parte Ufficiale.

Mexico

- 1 *Revista del Ejercito y Marina*, n.ºs 7 e 8 de Julho e Agosto de 1919. Aguila Caudal! Oda a Juárez. Sección grafica. Conferencia sobre Infanteria. Debe, y en qué sentido, ser reformada nuestra Ordenanza Militar? Conferencia sobre Artilleria. Plan de Estudios de la Academia Naval. El ataque moderno de una posición atrincherada. Psicolo-

gia de la Guerra. Lexico Militar. Submarinos y Submergibles. La Escuela «Cruz Gálvez» Heraldica Europea. La estrategia, sus principios y su tactica. Reglamento del Servicio Antropométrico Militar. El salud. Necrologicas. Información extranjera. La batalla de Boyacá. Churubusco. Operaciones sobre Colima. Resena de los acontecimientos de Coahuila em 1913. Las firmas de Napoléon. Cuentos de la Revolución. Mi primer «Looping the Loop». Cudros horribidos. Etc.

Suissa

1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 1 de Janeiro de 1920. A propos de notre organisation militaire. Le territoire stratégique de la Suisse. A propos de l'école militaire de Zurich. Les forces armées dans la Société des Nations. Chronique suisse, chronique française, chronique belge, chronique italienne. Informations. Bulletin bibliographique.

Francia

Revue Militaire Suisse, n.º 1 de Janeiro de 1920. A propos de notre organisation militaire. Le territoire stratégique de la Suisse. A propos de l'école militaire de Zurich. Les forces armées dans la Société des Nations. Chronique suisse, chronique française, chronique belge, chronique italienne. Informations. Bulletin bibliographique.

Italia

Revue Militaire Suisse, n.º 1 de Janeiro de 1920. A propos de notre organisation militaire. Le territoire stratégique de la Suisse. A propos de l'école militaire de Zurich. Les forces armées dans la Société des Nations. Chronique suisse, chronique française, chronique belge, chronique italienne. Informations. Bulletin bibliographique.

Mexico

Revue Militaire Suisse, n.º 1 de Janeiro de 1920. A propos de notre organisation militaire. Le territoire stratégique de la Suisse. A propos de l'école militaire de Zurich. Les forces armées dans la Société des Nations. Chronique suisse, chronique française, chronique belge, chronique italienne. Informations. Bulletin bibliographique.